

COMEDIA NOVA
INTITULADA
A GLORIA LUZITANA,
O U
A RESTAURACÃO DE CAMBRE.

INTERLOCUTORES.

D. Alvaro. } Capitães Portuguezes.
D. Diogo. }

Remunção, Indio, senhor da Cidade de Cambre.

Argarú, seu filho, amante de Arximene.

Arximene, i. Dama Portugueza.

Numir, Turca, destinada Esposa de Argarú
Tanor, Turco.

Zeriguitaia, Criada de Numir.

Mexilhaõ, Criado de Tanor.

ACTO I. SCENA I.

Salla de columnas rotas, a Cidade de Cambre, e á esquerda hum a ponte. Arximene cantando o recitado que lhe parecer, e sabe Mexilhaõ apressado.

Mex. **S** Enhora, eu estou afflicto!

Arx. Pois que tens? Avia, fala.

Mex. He que eu hoje arrenego,
e sou Mouru quando nada.

Arx. Pois a Lei dos Portuguezes
desprezaste? Que desgraça!

Mex. Como havia de ter fé,
se perdi toda a esperança
de chegar á caridade
do resgaste.

Arx. E a tua alma,

queres perder, recebendo
de Mafoma as Leis erradas?

Mex. Pois, senhora, eu já não posso
aturar tal canicalha,

que por dizer sou Christão,
me dão murros, e pauladas.

Arx. Pois soffre com paciencia.

Mex. Que? Paciencia? Huma balla:
se digo que sou Christão,
vê, senhora, o quanto passa
este Mexilhaõ molino,

A

VCM

Comedia nova

ven hum Mouro, e nesta cara
afinca trinta supapos:
outro já me faz a barba
com hum mólho de carqueja,
como hum porco que se rapa:
outro no nariz me mete
trinta arrates de mostarda;
em fim, em tantos martirios
choro bem como criança,
e não tenho já barriga,
que valha nem duas padas.

Arx. Não te separes de mim,
e verás que não te falta
a precisa estimação,
mas com esta circumstancia,
de que a Lei dos Portuguezes
não percas.

Mex. Senhora, basta,
lá me parecia asneira,
e grande rapaziada
crer em Mafoma; maldito,
fugite vil canicalha.
Declaro que sou Christão.

Arx. Pois não mais; attento cala,
espero que o Ceo nos chegue
a Portugal nossa Patria.
Ai Portugal dos meus olhos!

Mex. Ai Portugal da minha alma!
A, como estará o vinho
nessas tavernais moradas!
Porém, quem he que aqui vem
com hum cara agoniada?

Arx. He Argarú.

Mex. Este Mouro
terá fome?

Arx. Porque cauza?

Mex. Porque anda sempre mirrado;
terá lombrigas?

Arx. Acaba.

Mex. Acabei, minha senhora,
já não digo nem palavra.

Sabe Argarú.

Arx. Que te suspende, Argarú?
Que te affusta? Que te espanta?

Arg. Não duvides, Arximene,
de que poucas horas tarda
Tanor, destinado Espozo
para ti prenda estimada;
e Numir para Conforte
deste que ves em tais magoas.
Já de meu Pai o decreto
por meu pezar assim fala;
elle tambem te governa,
porque captiva te alcaça.
Chamo os Deozes neste empenho,
vejo que nenhum nie ampara,
e se consigo perder-te
morrerei de pena tanta.

Arx. ~~Eu~~ Argarú, te venero
pela justa circumstancia
de termos desde innocentes
hum amizade mui rara;
porque de sette annos fui
de teu Pai aprizionada,
e vendo-te tal tristeza,
de alegria fico exhausta;
pois como te adoro, devo
sentir a dor que te mata:
mas já Romunção teu Pai
de quem sou fiel escrava,
alegre aqui chega.

Arg. Oh Numes!

Sinto saltar-me a constancia.

Mix. He. Romunção o que vem?
Má fogo lhe queime as barbas.

Sabe Romunção.

Rom. Minha estimada Arximene,
a quem como filha cara,
e não como escrava adoro:
para que fosse exaltada
aquella gloria, com que
te eduquei de tenra infancia,
tratei de te dar Espozo,
senhor de riquezas tantas,
que chegasssem a merecer
tua belleza preclara.
Tanor he o teu Conforte,
mui pocos momentos tarda,

porque já do estado seu
se diviza a pompa ufana.
Acompanhando Tanor
vem Numir illustre Dama,
Irmã sua, e tua Esposa; *Para Argarú.*
dos annos que já passaram
por mim, he este o seu fructo,
pois meu coração alcança
elevant humo Captiva
a grandeza tão perclara,
e o dar estado a hum filho
onde os lucros se repara.
Que respondeis?

Arg. Eu, senhor

(que direi ... forte contraria!)

Mex. (Dize-lhe que estás mui magro,
e morrerás se te cazas.) *A Argarú.*

Rom. Tu, Arximene, que dizes? ●

Arg. Que sou, senhor, tua escrava:
elevant-me a tal ventura,
he bondade soberana
do teu coração, a quem
devo, senhor, honras tantas.
(Antes eu não tenha vida,
que ser de hum Mouro espozada.)

Arg. Logo recibes o Esposo,
coração de fera Ircana? *á p. a Arximene.*

Mex. (A moça já quer marido,
ai, ai, ai, ó minhas ancias!)

Arg. De que te queixas? *A Argarú.*

Arg. Cruel,
não me perguntes a cauza. *A Arximene.*

Rom. De milhares de instrumentos
a harmonia sublimada
já nos ouvidos se escuta,
e pela Cidade espalha
a noticia de que chegam,
Tanor, e Numir, ó alta
consolação de meu peito,
que minhas iras abrandas,
e minha furias desterras!
Argarú, em que reparas?
Que não corres apressado
entre humo luzida guarda,
humo tão illustre Dama?

Mex. (Se o Mouro não he Poeta,
não ha verdade nas cartas,
o maldito roe nas unhas
como quem come feliada.)

Arg. Já parto. Senhora, a Deos.

Arg. Muito contente te apartas
a receber tua Esposa. *á parte. a Argarú.*
(Amor deshumano acaba.)

Arg. De que te queixas?

Arg. Cruel,
não me perguntes a cauza.

Rom. Oh lá, Soldados, segui-me;
vamos filho, que retardas?
Estás confuzo, não pertendas,
que execute as minhas raivas!
Vamos, e alegre o semblante,
sou Romunção, e isto basta. *Vai para a Ponte.*

Arg. Já, senhor, teus passos sigo,
inda que choro a desgraça. *Vai para a Ponte.*

Arg. Ai, amados Portuguezes,
quem gostosa vos achara!
mas como posso fahir
deste lance? O Ceo me valha!
pois a elle recomendo
por Catholica a minha alma.

Mex. Ai, amadas Portuguezas,
quem aqui vos apanhara,
porque vos poria a todas
nesta terra á assar castanhas.

*Ao som de instrumentos barbaros virão descendo
pela Ponte diversos Turcos com instrumentos,
e diversos animais: Romunção, Argarú, Nu-
mir, Tanor, Zeviguitaia, precedidos de varios
Comparses, que conduzem os Cofres.*

Tan. Illustre Romunção, a quem respeito,
Governador de Cambre; nobre posto,
por teus merecimentos alcançado;
a teus braços me apresso, aonde devo
gostoso agradecer aquella gloria,
com que queres unir meu forte peito
á formosa, magnanima Arximene,
a quem eu com profundo, e sincero
dobre o joelhos, humilhando o rosto.

Rom. Vem a meus braços, vem Tanor famoso, de quem recebe a fama mil prodigios, para contar de teus mui poucos annos generozas acções, e mil empresas. *Abraça-o.*

Arg. Hum Espozo alcançaste valerozo, e ao mesmo tempo nobre, e generozo. *A Arximene.*

Tan. Agradeço, Argarú, esse elogio; mas, considera que sómente cuido de immitar as acções, que são patentes de ti, e dos teus nobres acendentes, por isso gloriozo te concedo a Numir, minha Irmã bella, onde em suas acções justo se allude o nascimento heroico da virtude.

Arg. Hũa Espozã tão bella, e virtuozã *Para Arg.* alcançaste, Argarú, nobre, e formozã.

Num. Romunção, meu senhor, de tua filha pertendo ter o nome generozo; pois dos teus documentos imagino nascerá minha prospera fortuna. E tu illustre Espozo, sempre humilde me verás a teu lado, respeitando do teu preceito o veneravel mando.

Zer. O tal Noivo não he despreciente.

Arg. (Que hei de dizer?)

Mex. Ai, que andas achacado, e não podes cazar estando esfalfado.

Tan. Teu filho está confuzo.

Rom. Porque cauza Argarú, te turbas? Dize.

Arg. (Mais remedio não ha que o fingimento.)

Estimavel senhora, a quem ornou o Céo de maravilhas nos humanos não tendo imitadora; não julgues no retardo destas vozes, meu coração alheio de ternura julga só lhe hia dando sepultura, a força da grandeza que o inflama, pois que mata, e sepulta quem mais ama.

Num. A lizonja teria por offensa se por sincero não te acreditasse, hum amante o contrario lhe parece, com as fômbra de amor, nada conhece. *Arximene,* porque estás pensativa? *Num.* Estará contemplando nos bigodes

do tal Noivo, que são bellas trocidas. *A p.*
Arg. A gloria por amante me suprende; porém sómente digo, que alcançar a Tanor por meu Espozo, vem a ser este excêssô humã fortuna tal que não mereço.

Rom. Por hospedes nos meus Regios Palacios, vos quero hoje em magnanimos convites: Vinde gozar da prospera ventura, vinde ver os thezouros que rezervo para dote luzido de Arximene, a quem mais do que filha, amo, e adoro, pois que tem suspendido do meu genio o furor mais desabrido: mais vos não demoreis, pois na vossa tardança me offendeis. *Vai-se.*

Tan. Já te figo, senhor. Bella Arximene, já que o Céo destinou que te pessua, por senhora felice do meu peito, permite por mais honra, e minha gloria, que feliz te acompanhe.

Verás corresponder ao teu preceito, na promptidaç com jubilo extremo, á profunda oblação do teu respeito, que tanto me accredita, e faz ditozo, por ser de ti tão puro obzequio aceito: e acompanhar-te devo cuidadozo; que erro fora viver eu separavel de tão perfeito objeto, e tão amavel. *Vai-se.*

Arg. Com o Espozo te apressas deshumana.

Arg. Com ella ficas tú, estamos pagos.

Arg. Não me atromentes mais, ó sorte ingrata. *Vai-se.*

Mex. Como me cheira isto o haver banquete, quero ir depressa antes que arrefeça. *Vai-se.*

Num. Não duvido, senhor, que o Pai estimas, e que attendes fiel aos seus preceitos, aceitando a hum promettido laço, que do seu coração sómente he gloria; mas essa suspenção que em ti admiro, a demudada cor, os olhos tristes, as poucas vozes mal pronunciadas, fiéis indícios são de pena grande: descobre-me teu mal, teus pensamentos se de outra inclinação vives gofoso

viven-

vivendo de meu peito aborrecido;
reflete no sentido,
de que a destinada Espoza,
é que Numir, não tens aqui presente,
porém, sim, hum Dama tão prudente,
que inda a pezar da sua desventura
illezo conservar sabe hum segredo.
Explica-te, senhor, de que tens medo?
Não julgues que terás em precipicio
o meu zelozo amor como queixoço:
só o amor te confervo como a Espoza.
Este laço desfeito, ao vento entrego
tudo quanto em ti foi meu pensamento,
ficando no mortal esquecimento.

Inda mais has de ver por gloria tua
meu peito concorrer para o teu gosto,
só para constangido
nosso laço não ser, e aborrecido.
Não o permita o Ceo se em nossos peitos,
se em lugar de uniaõ, se ateia a guerra,
deixando para ti somente a furia,
ficando para mim somente a pena.

Quem mais te ama, te adora, assim te fala:
quem busca o teu soccego, assim se explica,
vé se pôde escutar teus pensamentos,
que assim se declara, e assim te obriga.

Arg. Tal poder tens impresso no semblante,
que serçoço he que todos te respeitem,
e que amor te tribute ainda o proprio,
que dos influxos seus, viveo alheio:
A minha inclinaçã, bella Numir,
ao campo me encaminha, e só me alegra
ver mortas a meus impetos ferozes
as feras arrogantes,
que cobrem esses montes incessantes;
Mas he tal teu poder, tua grandeza,
que me faz esquecer á antiga gloria
na confuza memoria,
de que se he dita o que estou alcançando
me parece Numir que estou sonhando.

Vai-se.
Zer. O tal Noivo, senhora, me parece
no meu discurso pouco,
que tem tanto juizo como hum coco.

Num. Esta nova expreçaõ não sei que oculta,
que me intristee, e alegra ao mesmo tempo:

Serão do Matrimonio circunfancias?
Será de hum alto amor algum mysterio?
Oh tu que es esses montes habitante,
que não sabes de amor, e alegre vives,
se te agrada hum illustre nascimento,
muda pois para mim teu ser humilde;
que da Corte os manjares saborozos,
as pompas, galas, tudo me aborrece,
que aonde nascem tantos infortunios
a mesma gloria vem a ser mui breve. Vai-se.

SCENA II.

Sabe Mexilhaõ.

Mex. **H**E esta falla por onde
passar haõ de os cozinheiros;
e os pratos para o banquete;
aqui gozarei do cheiro
dos excellentes guizados
feitos ao uzo Turquesco. Sabem varios ne-
Porém começaõ a passar (gros, os quais po-
já os pratos estupendos: (dão os pratos em
que cheirinho q conçola, (fina da meza, e
ou saõ nabos, ou saõ grelos, (sabirãõ de outro
ou saõ tramoços cortidos, (lado Turcos que
ou saõ ovos de carangueijo; (os levaõ.
mas eu vendo tudo isto.
sem provar, he ser camello:
debaixo da dita meza
quero ver isto de perto. Mate-se debaixo
Aqui me puzeraõ hum prato, (da meza.
com licença, bello, bello:
este molho he baptizado,
que de Mouro não tem geito.
Outro prato? A mão rapante
aqui vai com os finco dedos:
porém que diabo he isto!
Ou he cabrá, ou he carneiro,
mas irra como está duro!
o tal carneiro he bem velho.

Sabe Zeriguitaia, e poem o prato que tras na
meza.

Zer. Apre! venho bem cançada,
pois sou mui debil do peito.

Mex.

Comedia nova

Mex. Aqui temos outro prato,
que será, que bello cheiro!

Zer. Passa fóra daqui caõ.

Mex. Au, au, au.

Zer. Eu te arrenego,
ai o caõ que me mordeu
ao pé deste tornozelo.

Sabe Mexilbaõ, e ladra.

Mex. Au, au, e passa fora,
muito caõ ha aqui dentro;
vai ladrar lá para a rua.

Zer. O' meu fenhõr, que estou vendo?
Naõ vio por ahi hum caõ?

Mex. Vi hum que era bem matreiro,
por final que fõ mordida
em meninas de espavento.

Zer. Olhe, alincou-me seu dente
aqui neste osso que tenho.

Mex. veja, veja que se engana,
que o tal caõ, como matreiro
naõ havia querer osso
achando carne a seu geito.

Zer. Tomara apanhalo, fim.

Mex. Para-que?

Zer. Para moelo.

Mex. Pois se isso sõmente queres,
aqui está o caõ rafeiro,
que mordeu essa denguiçe,
de que está lambendo os beiços.

Zer. Foi sua mercê o caõ?

Mex. E caõ gozo quando menos,
pois goza dar a dentada
nesse lindo tornozelo.

Zer. Ora he bem asno.

Mex. Ha muitos,
minha filha, neste tempo.

Zer. Estou capás de esganalo
aqui sem mais contratempos.

Mex. E terás valor de ouvir
hum caõ esganado? Bello,
tem muito excellente gosto.

Zer. Váste daqui você, nescio.

Mex. Naõ queiras te chame Moura,
inda que estõu como hum perro.

Zer. Morder-me daquella forte?

Mex. Naõ he nada, toma alento. *Vai ver o pé, e*
Mais irra, que coice! *(ella lhe dá*
despede-os muito ligeiros. *hum coice.*

Zer. He bem feito, me regala. *Rindo.*

Mex. Saõ bons brincos, estõu ardendo.

Zer. Que? Levou pelos narizes?

Torne cá fenhõr esperto.

Mex. Deo-me hum coice de tal forte,
que me abalaraõ os queixos:
vá-se já com miã diãxos.

Zer. Vá você; he bem camello!
olhe o barriga de bichos!

Mex. Tudo he meu quanto aqui tenho;
olhe o açucar refinado.

Zer. Olhe a cara de fendeiro.

Mex. Olhem a Marta dos trogalhos.

Zer. Que lindo garbo, que aceio,
que nariz!

Mex. He huma penca,
como as mæis que estãmos vendo.

Zer. Que boquinha gracioza!

Mex. Elia está aos seus preceitos.

Zer. Que perninhas taõ bem feitas!
Parecem mesmo dois cepos.

Mex. Engana-se, minha fenhõra,
que eu em as pernas movendo,
dou mais coices que hum cavallo
quando a mosca tem no pello.

Zer. Senhor Tortulho da Costa.

Mex. Senhora Marta Pacheco.

Zer. Para você, duas figas.

Mex. Para você, murros seccos.

Ambos. Quem acode? Venha agoa,
pois em fogo vou ardendo. *Vão-se.*

Sabe Arsimene, e Nupir.

Num. Esta minha expreçaõ por diminuta
julgo, fenhõra, em te louvar o zelo,
comi que me tens tratado.

Arx. He só nascido,
naõ de animo enganoso, ou lizongeiro,
mas de hum coraçãõ nobre, e verdadeiro,
em recompensa pois do doce trato,
que de mim recebido tens, quizera

dever-

dever-te hum só favor.

Num. Dize, senhora,
e que me offende vê qualquer demora,
que seja de me expôr justos preceitos
teu poder altivo.

Arg. Que sincera
me respondas sómente determino;
dize-me, que motivos, ou que objetos
te persuadem tão funebre tristeza,
que com sombras abates a grandeza
dos brilhantes espiritos do rosto?
Ao destinado laço es constrangida?
Argarú, he de ti desagradavel?

Num. He, senhora.

Arg. (A respirar torna minha alma:)
aborrecelo, em fim?

Num. Aborrecelo,
ninguem pôde depois de conhecê-lo.

Arg. (Cruel engano!) mas não me disseste
quanto era, para ti desagradavel.

Num. E o não posso ver

Arg. Não o podes ver?
Que confusão he esta,
rompe o teu silencio, e não receis,
que dentro na minha alma sepultado
não viva dos viventes ignorado.

Num. Ah, tu me obrigas, e eu saltar não posso;
e he percizo expôr meus pensamentos;
amo Argarú, igual á mesma vida,
se a vida neste Imperio he dezejada.

Arg. Não queres vélo, e dizes que o veneras?
(O peito se confunde em ira accezo!)

Num. O que eu não posso ver, he o seu desprezo,
quando humildes meus olhos em seu rosto
se empregáão, parece foraõ setras
para o seu coração, pois de animado
mostrou alli ficar desanimado:
quando esperava ver a imensa gloria
no peito nobre do constante Esposo
cauzada da presença da Conforte:
taõ diverso momento encontro, oh sorte!

Arg. Na tua ingratitude só não padeces,
tambem eu te acompanho nesse estado.

Num. Pois tu, senhora, como

Arg. (Oh Ceo! Que disse?).

e neste triste amor, porque me cegas?)

Os desprezos que sinto te maltrataõ,
pelas razoes que tenho de estimar-te,
este pezar he justo; e ponderando
em mim o teu lugar, como offendida,
insultalo das faltas de respeito,
deveria meu peito
chamando-lhe cruel, e deshumano,
pois que offende de amor achamma illustre,
por ti falo, senhora, mas... Ceo! Quem crera,
de ti falando, que a offendida eu era!

Num. No meu conforcio tanto te interessas?

Arg. Pela parte que tenho em tua gloria,
pois tanto te interessas pelas minhas
me empenho.

Num. Pois obriga-o a que me estime.

Arg. Eu obrigalo?

Num. Sim, por tua gloria,
pois me tens exposto,
que em parte te interessas do meu gosto.

Arg. Não esperava tanto! Sim, me obrigo
a fazer-te feliz, he nobre o empenho,
direi que terna o adoras,
e o seu desprezo tristemente choras,
e que nos seus retiros
a cauza tens maior dos teus suspiros.

Num. Para expores; senhora, os meus pezares,
he esta a occasiaõ de lhe falares,
pois, Argarú, se apressa.

Arg. Para outra occasiaõ guardo esse empenho.

Num. Outra não haverá tanto propicia.

Sabe Argarú.

Arg. Falar só a Numir, em fim, quizera,
mas he difficultozo neste lance.

Arg. Offendida de ti, Argarú, vivo,
vendo o pouco que estimas meus agrados,
fugindo de hum objecto que te adora,
Ah

Arg. Explica-te melhor, fala, Arximene,
não me deixes confuzo desta sorte.

Arg. Argarú, que mereces desprezado:
a quem te rende humildes sacrificios,
assim pagas o amor da honesta Esposa,
que tanto em adorar-te he extremoza?

Arg.

Arg. Ludibrio faz de mim a deshumana ;
porém do seu rigor quero vingar-me. *d parte.*
Bem sei que o seu affecto he excecivo ,
que eu ingrato não sou na recompensa ,
pois depozito dentro de minha alma
de tanto amor brazões por minha palma.

Arx. Ah, cruel, deshumano! (estás contente?)

Num. Vejo que alegre estás, estou foccegada.

Arg. Desde que vi teus olhos soberanos
de amores comeei

Arx. Não continues ,
já sabe o amor.

Num. Deixa que fale.

Arx. Continua Argarú, (e o peito calle ,
porém para vingar-me de hum tiranno ,
he esta a occasiaõ, pois Tanor vejo. *d parte.*
Numir ?

Num. Que determinas ?

Arx. Que a Tanor, teu Irmaõ tambem declares,
que sinto os teus retiros ,
pois a causa elles saõ dos meus suspiros ,
obriga-o tu a que me estime.

Num. Eu obrigalo ?

Arx. Sim , por tua gloria ,
pois já me tens exposto ,
que em parte te interessas no meu gosto.

Sabe Tanor.

Num. Tanor, Irmaõ amado; que motivos
te obrigaõ, a que não busques desvelado
a presença da tua amante Esposa ,
que por ti faudoza chora , e sente ?

Tan. Conheço o teu affecto, não o ignoro ,
e desleal não sou na recompensa ,
pois por Esposo illustre lhe confagro ,
em suave ternura.
do meu ardente amor huma fé pura.

Num. Estás contente ?

Arx. Sim ,
vejo que alegre estás , estou foccegada.

Arg. Pelo contrario, eu estou exasperado ;
porque do occulto incendio em q me inflamo,
nova cauza me opprime a triste vida :
no desprezo da ingrata, ardo, e bramo ;
não devendo falar , mais me confundo
de ira , e furor definaio ,
da morte em mim já sinto o ardente raio ,
quizera reportar-me ,
mas hum taõ vivo mal chegã a mater-me.

Arx. Que triste lance ! Deshumana forte !
A cauza sou eu só de tal loucura. *d parte.*

Num. (Agora os meus ciumes acredito.)
Que sentes Argarú ?

Arg. Deixai-me todos ,
pois os zelos do meu ardente peito
mas vós não me entendeis ? Ingrata forte ,
não me detenhas mais a dura morte !
Tan. Os olhos empregando em Arximene ,
arranca de seu peito mil suspiros ,
e neste infeliz excéssõ ,
que tenho zelos n'alma reconheço. *d parte.*

Arx. Ah, modera, Argarú, a tua queixa.

Arg. Deixa-me , deshumana , não proligas.

Num. Não tenho mais que ver, o meu ciume
vem a ser neste lance verdadeiro.

Tan. Se me engana Argarú, falta Arximene ,
portesto desta afronta vergonhoza
buscar huma vingança rigoroza. *d parte.*

Arg. Mas , oh ancia

Arx. Oh amor

Tan. Oh vituperio

Todos. Da-me neste da morte vil tromento ,
o mais grande valor do soffrimento. *Vão-se.*

ACTO

ACTO SEGUNDO. SCENA I.

Mar, e Náos guarnecidas de Soldados Portuguezes, Fortaleza com Torres: e se verão os Soldados Portuguezes entrarem na Fortaleza, que está a hum lado. Sabe D. Alvaro, e D. Diogo brigando com os Mouros, até que fugindo estes, dirá.

D. Alv. Porque fugis, ó barbaros tirannos? suspendei, suspendei essa vil fuga; deixais-me só no campo, ó Maura pelo temor da minha espada-aguda? (gente E adonde quereis ir buscar abrigo; quando esta em toda a parte vos procura? Fugindo ennobreceis mais a victoria; mais honra a nossos peitos lhe resulta, quando o valor se empenha a procurar-vos, e cada vês mais longe vos insulta.

D. Diog. Principia D. Alvaro a victoria, a barbara nação foge confuza, porque o horror da força Portugueza já contra ella vibrou a lança dura.

D. Alv. Entremos na Cidade a ferro, é fogo as cazas, Templos, tudo se destrua; e sirvaõ os alaridos dos estragos de incentivo maior á nossa furia.

Eu o primeiro ser quero em pizala, porque ao perigo maior me não exclua.

D. Diog. Em ti vejo de D. João de Castro o Retrato no esforço que te illustra; feroz os vossos nomes memoráveis entre os Heróes, que a fama perpetua.

D. Alv. Cessem já D. Diogo os elogios, sabendo que he variavel a fortuna; ao nosso Redemptor demos as graças, se a ferros vencedores nos ajuda.

Sabe Mexilbaõ.

Mex. Ah que delRei senhores, quem me acode porque sou Portugueza creatura.

D. Alv. Detende-vos Soldados: quem és tu?

Mex. Eu Senhor sou Christão, como foi Judas; pois olhe que elle foi galante moço.

D. Alv. Eu creio que padece de loucura. Como te chamas?

Mex. Mexilbaõ d'Arruda.

D. Alv. Donde nascestes?

Mex. Eu? Eu sou Christão.

D. Alv. Mas de que terra és.

Mex. Sou da Pampulha, filho de Manoel, furtalhe o fato, e de Maria, a torta de alcunha; ambos tiveraõ morté muiditoza, pois morreraõ na força á dependura; e se cativo eu cá não estivesse, pôde ser alcançasse essa fortuna: assim peço pela alma de seu pai se compadeça desta creatura, e me livre dos Mouros.

D. Alv. Sim, descança, recorda-te do Ceo que já te ajuda.

Mex. A mim já me esqueceraõ as Orações, mas com a Cartilha, sou hum non-plusultra.

D. Alv. Não se demore mais o riço braço quando a hora da empresa he oportuna; a honra, filhos meus, he quem vos chama para nome vos dar entre as venturas. E lembrai-vos que sois, ó Portuguezes, o espantoso terror das Mauras turbas, valentes Argonautas desses mares, defensores da Fé sagrada, e pura.

Não tarde pois a gloria desta empresa, se a honra, nome, e fama vos procura; veja Cambre, Cidade populosa na ameaçada ruina a nossa furia:

seguindo os passos meus, segui o exemplo do vosso General, que as honras busca.

D. Diog. Em quanto não perder o nobre sangue

B

devo

devo buscar a disciplina tua.

D. Alv. E vós Senhor piedoso, a quem supplico
o amparo feliz, em vós seguras.

Or. dois. Estejaõ nossas almas, que prometto
defender vossa Lei da Maura injuria. *Vão-se.*

Mex. Irra, senhor roupaõ, senhor bairrete. *Despe.*

para a queima por mauritanas culpas;
já que em mim se tem feito taõ relação,
caminhará ao campo da Chamusca,
Buscar vou hum vestido á Portugueza,
que me esteja a matar, que esta figura,
esta garganta,

o delicado corpo,
o pé taõ pequenino, esta cintura,
os grandes cabellos mas estou rapado,
aqui se acabou toda a caramunha.

Ah moças moças, moças, lindas moças,
vede que bello ar, que formozura. *Vai-se.*

e leva os trastes que despio.

SCENA II.

Arximene.

Arx. **Q**ue horrendo mótim escuto!
quem cauzará tantos damnos,
sem que Argarú possa ver
no mizero sobressalto,
que meu coração padece
neste lance inesperado?

Sabe Zerignitaia.

Zer. Ai pobre Zerignitaia
adonde acharás amparo?
Fuja Senhora Arximene.

Arx. Quem dá cauza a tanto estrago?

Zer. São Senhora os Portuguezes,
que vem a Cidade entrando,
pois a sobem pelos muros,
como se elles fossem gatos.

Arx. E seraõ os Portuguezes?
(quazi de gosto desmaio.)

Zer. São elles, não, não o duvides,
que os conheço pelo faro.
Fujamos minha Senhora,
antes que possaõ apanhar-nos.

Arx. Não haõde ser taõ crueis
os Portuguezes, que achando
duas Damas infelizes
uzem de algum dezacato.

Zer. He pior, Senhora, sim,
semos mulheres: reparo,
por ellas os Portuguezes
fazem coizas do Diabo.

Assim mo disse hum Captivo,
que morreo ha quarenta annos.

Arx. As tuas loucuras mais
me afligem; que estrago tanto.

Sabe Numir.

Num. Ai de mim, que horror taõ forte,
que successo taõ estranho!
para fugir do perigo
não posso firmar os passos.

Arx. Numir, que successo he este?

Num. Que mal posso relata-lo!
Eu vi Arximene, eu vi
em terror dezordenado
os barbaros Portuguezes,
nossos muros assaltando,
destruirem tantas vidas,
que serviaõ de embarço,
á entrada das Fortalezas,
para os seus violentos passos.
Vi num momento cobrir-se
a praia de sangue tanto,
que se hum mar era de jaspe,
de coral outro reparo.

Eu vi as tristes mulheres
roucos metaes arrancando,
de seus peitos com os filhos
sobre os mesmos reclinados;
outras que vendo os confortes
mortos no fatal estrago,
vi que buscavaõ morrerem
nas espadas dos contrarios.
Outras vi que experadas,
os cabellos arrancando,
eraõ retratos da inveja
dos inimigos applauzos,
huns por temor do perigo,

outro

Zer.

A Gloria Luzitana

outro maior procurando
nos enfurecidos mares
tinhaõ o ultimo lethargo :
Eu vi por ultima pena ,
que me entrega o duro fado ,
o triste infeliz Irmão
entre as lanças dos contrarios ,
com o enfurecido rosto
de triste sangue banhado.
De balde clamo o defendão ,
debalde suspiro , e brâmo ,
d'alta torre adonde estou
arruina examinando ,
que os funestos alaridos
suffocaõ as vozes que exallo.
Fugir do perigo intento ,
mas me serve de embaraço
o não saber o destino
ultimo , de hum Irmão amado.
Chamo os Deozes ; mas que serve
nesta confuzaõ chamalos ,
quando atê irados vejo
os mesmos Deozes no estrago.
Assim pois irrezoluta
nesta dor , em mal tamanho ,
neste cruel paroxifino ,
que da morte he duro ensaio ;
quizera espirar tão breve
para que do estrago tanto
não fossem mais testemunhas
os meus olhos desgraçados.

Arx. Nada me affusta Numir
neste repentino acazo ,
como a falta de Argarú ,
pois he o bem que idolatro.
(Ai amados Portuguezes
quem podera examinar-vos !)

Num. Pois tu amas Argarú ?
e o confessas , ultrajando
ainda mais minha pessoa ?
E deverei soffrer tanto ?
Desgraçada foi a hora ,
que de Baçaim os passos
encaminhei para Cambre.

Zer. Esteve a Senhora zombando

atéqui dos teus amores :
viva , viva , bravo , bravo.
Niguem se creia em mulheres ,
que ficará bem logrado.
Arx. Não te offendas Numir não ,
quando a verdade te falo ;
Argarú , foi sempre objecto
Num. Emudece peito falso ,
que mais te não quero ouvir ,
conhecendo teus enganos :
A vós Numes , que regeis
os corações dos humanos ,
a vós entrego a vingança
do desprezo em que me abraço :
e a vós supplico constancia
para o novo mal que alcanço ;
vendo meu peito fincêro
quizestes Alpid enganalo ,
porque teu veneno fosse
o seu ultimo lethargo.
O' foje de mim , ó foje ,
que teu rosto examinando ,
conhecendo que hum delicto
nelle vejo tresladado ;
sinto faltar-me a virtude ,
que em meu peito soberano
foi sempre da Maura turba ,
o esplendor mais sublimado.
Zer. Senhora Arximene , a Deos ;
nada , nada de contratos
com sua mercê. Ai , ai ,
da cá o pé Papagaio.

Vai-se.

Vai-se.

Sabe Argarú com o rosto ferido , e a espada na mão.

Arg. Foje , foje ao teu perigo ,
foje ó encanto adorado ;
e para termos mais socorro ,
a mais longe sitio vamos :
Os bárbaros Portuguezes
nas praias desembarcando ,
parece que em perseguirnos ,
são quaes lobos esfaimados :
toda a nossa resistencia

B ii

he de balde a esforço tanto :
 Foje, foje ao teu perigo :
 porque não segues meus passos ?
 Porque se o damno te espera
 tu não poens reparo ao damno ?

Arg. E dize-me, os Portuguezes
 vieraõ a Cidade entrando ?

Arg. Faltarão poucos momentos
 quando assim nos dilatamos,
 que dos seus crueis fuores
 sejamos infeliz alvo.

Arg. (Deos brevemente os conduza,
 pois nelles terei descanso.)

Sabe Romunção com a Espada nua.

Rom. Filho Argarú, Arximene,
 fujamos ao horror, fujamos,
 pois já tem os inimigos
 na Cidade o passo franco :
 Os nossos como dispersos
 não põem á fuga reparo.
 Vamos ó filho, Arximene
 fugindo do adverso fado.
 Quanto receio, que immitte
 Cãmbre a Troya, ou a Cartago ;
 não sirvas de testemunha
 meus olhos a estrago tanto.

Ao Poderoso Idalcaõ
 esta noticia entregando ;
 nas Indias dos inimigos
 aproximarei estragos.
 Querido filho, Arximene,
 vem, em salvo nos ponhamos.

Arg. Salva Romunção a vida,
 fique a minha ao desamparo :
 na minha pouco se perde.

Rom. Ah, não ! Arximene em quanto
 Romunção tiver alento
 terá refugio a teus annos.

Arg. Senhora, que te demora,
 se o partir he necessario ?

(Como tardais em livrar-me x - *Arg.*
 os amados Luzitanos !)

Bella Arximene, que esperas ? *Arg.*
 (Verdadeiro Deos amparo !)

Rom. Vamos, me enfada a demora :
 queres ao golpe entregar-nos ?

Não queres vir ? Por violencia
 nos virás acompanhando. *Pega-lhe no braço.*

Arg. Vamos Arximene amada.

Arg. Seguindo vou vossos passos.

Rom. Vamos porque na demora
 todo o perigo procuramos.

Arg. Mas sem ver os Portuguezes
 posso emcaminhar hum passo ?

Para.

Rom. Já he muito soffrimento ;
 anda inimiga ; vamos,
 ou senão com esta espada . . .

Arg. Detem-te meu Pai amado.

Arg. (Livrai-me Deos verdadeiro
 do poder deste tiranno.)

Rom. Nosso damno he a demora.

Arg. Vou se remedio não acho. *Denro D. Alvaro.*

D. Alv. Em vão pertendeis com a fuga
 fugir ao furor que bramo.

Rom. Por tua culpa perdidos
 cruel Arximene estamos ;
 defende-me filho a vida
 em quanto Arximene mato.

Em acção.

Arg. Isto não, livre Arximene
 deve ficar.

Rom. De embarço
 não me sirvas.

Arg. Não, espera.

Rom. Porque a defendes ?

Arg. Eu a amo,
 e não tenho coração
 para ver os seus estragos.

Rom. Ah, não busques defendela.

Arg. Em defendela morramos.
 meu Pai, vamos ao inimigo,
 que nas Sallas vem entrando.

Rom. Eu vou : mas primeiro morra
 a cauza deste cuidado.

Arg. Senhor ?

Arg. Espera.

Rom. Atrevido,
 tu me suspendes o braço ?

Olha que te tiro a vida.

Arg. Tiras o que me tens dado.

Rom.

Rom. E deixarei sem castigo
teus enormes dezacatos?

Arg. Ah, Pai, o inimigo chega!

tú foje, Arximene, entanto. *Vai Romunção*

Rom. Sim, chegaõ os inimigos, *(examinar, e fo-*
pois morra Arximene; ah falso! *(se Arximene.*
porque fugir a deixaste?

Arg. Eu, senhor

Rom. Mas de embaraço
mal pôde servir-lhe a fuga
nos teus projectos errados,
quando sou em perseguição
hum qual veloz Tigre irado.

*Vai a seguíla, e sabe D. Alvaro, e Soldados que
cercaõ a Salla.*

D. Alv. Matai os que teimozos não renderem
às armas Portuguezas vassalagem.

Rom. Mas, oh Deozes! nos cercaõ os inimigos!
buscar a defenza he temeridade:
rendidos fomos, oh destino forte,
a que mizero estado me chegaste! *Os Solda-*
dos dezarmaõ todos.

D. Alv. Donde está Romunção, saber pertendo?

Rom. Alli está. *Aponia para o filho.*

Arg. Que queres?

D. Alv. Que agradável rosto!

Tua cabeça; que na India possa
servir de exemplo aos barbaros turbantes,
que atrevidos pertendem conquistala,
sem temerem do Luzitano alfange.

Arg. Aqui a tendes, com gosto eu vola entrego,
do corpo o duro alfange ma separe;
porém, só te supplico, a vida livre
deste nobre Anciaõ: de tenra idade
com gosto me educou; tanto lhe quero,
como fosse meu Pai, como meu sangue.

D. Alv. Não te devo faltar, e te seguro,
de que ao teu Idalção forre o resgate.

Arg. Pois sendo assim, com gosto a morte busco;
de Romunção o sangue se derrame,
e seja esta cabeça o maior lauro,
que ainda só ávístala te decante:
A Deos, oh Pai.

Rom. A Deos, filho querido,

tu a vida me das.

Arg. Porque estrarhavel

he esta acção? Oh Deozes! Se ma deste,
eu o mesmo te dou que me entregaste;
só te peço, que se Arximene vires,
meu destino qual foi lhe não relates;
a Deos, amado Pai.

Rom. Meu filho, a Deos,
ao supplicio por mim gostozo parte.

Sabe Arximene.

Arg. Ah, senhor, suspender manda o castigo
he tudo engano, que

Rom. Deozes! Que fazes?

Arg. Occulta estive ouvindo este innocente,
Romunção, alli tens,

Arg. Oh que impiedade!
Em mim tens Romunção.

Alex. Vê que te engana,
este teu filho he; mas o outro

Rom. Cala-te,
e tem dó destes meus cansados annos.

Arg. O outro he Romunção, esta a verdade.

D. Alv. Logo o Pai, accuzou o proprio filho?

Arg. Não he Pai, não sou filho, oh Ceos, q lance

Rom. Meu filho não serás, se a minha morte
naquelle infame peito não vingares.

E Arximene aos estragos me condemna.

Aquella que eduquei? Que tanto amavel
foi de meu coração, de minha Esposa,
que descança milhor em nova idade?

Ella a vida te dá, deva-te eu morte.

Mas não te engane, oh filho, não te engane
esse bem que da ingrata possuiste,
seu nome te roubou na herosidade,
na vida que te dá me tira a vida.

Sou teu Pai, es meu filho: baste, baste.

Aqui estou prompto, cumpra-se o castigo,
infeliz me verás tambem constante,
que o tolerar o pézo da desgraça,
he mostrar do valor imperio grande.

D. Alv. Que esperais, meus Soldados, morra.

Arg. Senhor, clemencia *(indigno)*

Rom. Filho, que he o que fazes?

Arg. Para ver-te morrer, valor não tenho.

Rom.

Rom. Se o valor te separa, vai-te, vai-te,
lembre-te quem eu sou, quem me dá morte.

Arg. Como escudo, senhor, hei de amparar-te,
morra o filho também.

D. Alv. Tu ficas livre.

Arg. Não estimo, senhor, essa piedade.

D. Alv. Morrereis ambos juntos.

Arg. Suspensei-vos.

D. Alv. Minha vingança mais senão retarde.

Arg. Pela Lei te supplico, que veneras
desse Deos verdadeiro

D. Alv. Pare, pare,
meus Soldados, por ora esta vingança;
a escudo tão forte he bem desmaie:

Quem será? Quem será? De vis cadeias
a injuria tintaõ os barbaros infames,
até que o meu furor lhe determine,
hum castigo, que á sua culpa iguale.

Rom. Não receio o furor dos inimigos,
se exposto tenho o peito a teus alfanges:
mas se queres buscar maior vingança,
minha morte cruel mais não retardes.

Arg. Ah, mata-me, senhor, se o Pai me matas.

D. Alv. Mais não posso attender-vos.

Arg. Que impiedade!

D. Alv. Tu, senhora, também es prizioneira,
mas não tens de que possas recearte,
se ves os corações dos inimigos,
izentos das cruéis ferocidades:
(com descanço quem seja saber quero,
esse o tempo não he de examinar-se.)
Oh lá, Soldados meus, desse principio
a saquear a mísera Cidade,
servindo de troféos os seus thezouros,
com que o vosso valor possa acclamar-se:
Com estes infelizes prizioneiros
tende todo o recato, té que o alfange
vibrante executor de vis costumes,
hum tire a soberba, a outro mate. *Vai-se.*

Rom. A onde estou? Que barbaro destino!
Romaneão, já não he quem era dantes?

Arg. Tremo, choro, não sei em que discorra;
toda a luz da razão chega a saltar-me.

Arg. Que multidão de funebres horrores!
o sentido começa apertubar-se.

Arg. Romaneão, meu senhor

Rom. Tu me conheces?

Arg. Não hei de conhecer quem da piedade
exemplo foi cômigo? E quem da infancia,
té que a luz da razão me acompanha-se,
soffrendo de innocente os dezacertes,
com terna compaixão soube educarme?

Rom. Se tu, traidora, bem me conheceras,
se de tudo que expressas te lembrassem,
origem não serias de mens damnos,
não serias verdugo desta idade.

Tu verás, tu verás por teu castigo
chegar o vil algoz a espadaçar-me,
ficando por padraõ da tirannia,
á qual por cruel teima me entregaste:
o pensamento teu acompanhado,
de tantas que ves funebres imagens:
chorarás, chorarás de arrependida,
sendo o remedio a culpa entãõ de balde:
e tu filho, se á minha morte vingas,
cortando pelo amor, lembrando o sangue,
farás menos horrenda a larga historia
da tragedia infelice dos meus males.

Arg. Quanto por te salvar padeço agora!

Arg. Milhor fora, cruel me não salválles.

Arg. Deliras, Argarú, assim compensas
nrez amor?

Arg. Esse amor he crueldade,
a motora tu es dos meus tromentos,
por ti verei o Pai triste cadaver,
a tua culpa, a minha desventura,
tresladadas no pallido semblante,
o que dirão? O que? Que por ti busque
fugir dos que soccorro possão dar-me,
e num campo de racionais izento,
contemplando a tragedia lamentavel,
em que o Pai espirou, tõmente sirva
de vil pasto aos Leoens que alli me acharem.

Arg. Se tu fojes de mim, embora foje,
que como já entregue á Christandade
não receio o furor do meu destino;
não temo a tua sorte incontrastavel:
mil finezas te devo, eu o confesso,
e tenho em te perder martino grande,
mas amo aquelle Deos Omnipotente,

que

que por mim derramou seu puro sangue :

á Catholica Fé hoje me entrego.

Arg. Ainda mais esta injuria.

Rom. Infame cala-te,

entrega-me á morte, mas os Deozes
naõ offendas assim : pode esperar-se
mais delictos naquelle infame peito !

Arg. Se tu as nossas Leis naõ veneraste,
nunca fosse o meu bem, o meu mal fosse :

fuja-se da infel.

Arx. De mim distante

essa barbara maõ, ver pertendia.

Os dois. Inda espero inimiga inda vingar-me.

Arx. Naõ tenho que temer se para escudo
me basta amar a luz d'alta verdade.

Todos. Porém, oh Ceos, em tanto laberinto
minha morte será indubitavel !

Vaõ-se.

ACTO III. SCENA I.

Salla. Sabe Tanor com que a seu tempo cobre o rosto.

Tan. **E**M hum quarto desta falla
onde saõ as luzes sombras,
vivo occulto, e retirado
dessa Lusitana força ;
já que pois he costumado
vir aqui sem mais pessoa
alguma, este General
cabeça da ruina toda ;
cobrindo o rosto lhe quero
tirar a vida traidora
de repente, quando o finta :
Esta acção de muito importa,
porque depois disfarçado
irei ás dispersas tropas
animalas a que venhaõ
vingar a tanta discórdia,
pois seu maior inimigo
foi do meu braço derrota.
Mas D. Alvaro se apressa ;
para a empreza o valor sobra,
cobrindo o rosto me occulto
a meus golpes, morra, morra. *Cobre o rosto.*

Sabe D. Alvaro, e Numir.

D. Alv. Pois em mim buscas piedade
entre penas lastimozas,
bella Numir, naõ te affuste
ao teu Reino irás gosloza,

sem que fintas as ruinaas,
que o braço Lusitano obra.

Num. Respeito as tuas virtudes,
como, senhor, saõ notorias,
bem que lastimo a desgraça
do Irmaõ, que na furioza
batalha perdeu a vida.

Tan. (Numir ! Mas de nada importa,
como Irmã occultará
este segredo.)

D. Alv. Saudosa
deves sentir sua perda ;
mas naõ te affija, senhora.

Tan. He tempo de accommettelo ;
acaba em funestas sombras. *Corre com o al-
fange para D. Alvaro ; e este se vira ás vo-
zes de Numir, e briga até tirem guardas.*

Num. Foje, senhor, que te mataõ.

D. Alv. Que intentas, traidor ?

Tan. Que morras.

D. Alv. Oh lá da guarda, cingi
de cadeias horrozoas
a este infame.

Tan. (Irmã cruel,
frustraste huma acção glorioza
a meus intentos.)

Num. Que peito
taõ traidor, que vã affronta !

D. Alv.

D. Alv. O que merece, Numir, este indigno?

Num. Justo fora

dar-lhe hum enorme castigo, para emenda de horrorozas acçoens.

D. Alv. Sentençaia pois tu mesma; porque affrontoza esta acção á tua-vista foi; o Juiz se tu, senhora, dessa culpa: a ti remetto minha affronta, e tua affronta.

Num. Bem que meu patricio seja, e da mesma nação Moura, quem uza de tais delictos he justo se extingua, morra.

D. Alv. Oh lá, descobrindo o rosto por mais horrenda vergonha, veja o ferós instrumento da sca morte horrorozza: e com ella á minha vista perca hum a vista traidora. *Descobrem o rosto*

Tan. Quem imaginou tal damno! *(to a Tanor.)*

Num. Ceos, que vejo! Estou absorta, meu Irmao... senhor, piedade... ha morte mais desditoza?

D. Alv. Quem uza de tais delictos he justo se extingua; morra.

Num. Mas, senhor, se he meu Irmao.

D. Alv. Numir, detem a voz louca, por hum Irmao não nomees quem de acçoens tão vis se adorna: morra que não ha desculpa.

Num. Porque, cruel, assim obras? deixa, deixa o fer cruel.

D. Alv. De que me culpas, senhora, tu á morte o condemnastes numa sentença forçoza: se foi justa, ou foi injusta, a ti mesma a culpa torna.

Num. (Póde haver mais duro lance! como não caio inda morta!)

D. Alv. Morra a meus olhos o indigno.

Num. Senhor.

Tan. Basta cruel suffoca

minha vida neste alfange; nelle os teus intentos logra; mas repara que essa vida, que tens nesta fatal hora ta dá hum a irmã ingrata da minha infamia motora, pois fenaõ foraõ suas vozes, despojo da morte foras, e neste lugar ferias imagem da horrenda sombra.

D. Alv. Inda me insultas, soberbo?

Num. Se por mim a vida logras, senhor, de que me glorieio, a compaixão te commova minha mizera desgraça, e dilate-se por hora de hum Irmao a triste morte: se a ambos hum sangue adorna, como posso ver meu sangue sahir de funestas bocas, e espalhar-se pela terra á custa de vis affrontas cahindo já sem alentos, entre as ancias lastimozas na mesma o infeliz Irmao? Oh que funesta memoria, e espetaculo tão triste poderei ver? Senhor, mova a teu grandiozo peito esta imagem tão medonha para os teus ouvidos regios se a meus olhos tão custoza.

D. Alv. Eu me sinto enternecido: em hum a prizaõ se esconda esse indigno a meus olhos, té que noutra fatal hora, e noutra sitio padeça da justa vingança a força.

Tan. Se queres maior vingança, não haja, não mais demoras em tirar-me a cruel vida, pois tanto me foi traidora: E tu por mim não supplices, ingrata irmã, aleivoza, pois não debes ter piedade

quando

A Gloria Lusitana.

quando es só a minha affronta :
cruel , outra vingança não medites ,
que tirar-me esta vida , que aborreço ;
pois comigo na infamia que padeço ,
póde ser que piedoso te acredite :
e tu , perfida Irmã , não folicites
a piedade que injusta reconheço ;
antes com ella infame só te peço ,
que a maior impaciencia não me irrites :
Soffrer hum vingativo braço armado
para a morte , que a injuria me tem prompta ,
he sentir hum tromento limitado :
logo por impia a supplica se conta ,
porque crece em moto acelerado
no indulto da piedade a indigna affronta. V.

D. Alv. Que soberba !

Num. Ah triste Irmão !

D. Alvaro , as generozas
acçoens de teu peito illustre ,
a todos farei notorias ,
quantos amaõ reverentes
as sacras Leis de Mafoma ;
permittre que me retire ,
e sempre , senhor , recorda ,
porque a compaixão te móva.

Vai-se.

D. Alv. Que o Ceo me acompanha vejo ,
pois me defende , e me abona :
mas quanto da cara Patria
a saudade he custosa !
Té o irracional suspira
da sua habitação fóra.
Com que gosto os meus Navios ,
ornados de mil victorias ,
cortirão mares suberbos
á vista da excelsa Goa ?
Com que gloria hei de postrar-me
naquella prezença honroza
de hum Pai , de quem mil proezas
ennobrece a larga historia ,
donde os Heróes se conhecem
por suas guerreiras obras ?
Oh lá , chegue a prizioneira :
se alma por vela roga ,
com seu semblante agradável
se faz das almas senhora ,

e nas vozes que articula
da Santa Fé nos dá mostra.

Sabe Arximente.

Arx. Senhor , na tua piedade
consiste menos penoza
ser a minha desventura.

D. Alv. Senta-te , e pois te consola
se acha em peito benigno
unido a hum alma piedosa ;
quem sejas saber pertendo.

Senta-se

Arx. Pois , senhor , antes que possa
de meus crueis infortunios
tua alma fazer notoria ,
humna attenção te supplico ,
digna de compaixão propria.
Da idade de sete annos ,
por entre as soberbas ondas
me transportava hum Navio ,
bem que nelle receoza ,
donde o Pai determinava ,
quando a Patria lhe he traidora ,
a buscar na alheia terra ,
pois na sua não encontra
aquella felicidade
dos viventes dezejoza.
Depois de mui largos dias
entre fadigas penozas ,
comessa a escurecer o vento ,
o Sol se sepulta em sombras ,
a fuzilar principia ,
e os trovoens continuos soão ;
as ondas do mar irado
nos lenhos batem furiozas ,
o Piloto affaz afflicto
não sabe ao que se rezolva :
os gritos dos passageiros
mais o confundem , e affombraõ :
vai crescendo a tempestade ,
hum dalli desfmaia , e chora ;
o amigo ao amigo abraça ,
chora o Esposo , mais a Esposa.
Eu filha ao Pai a não beijo ,
o Pai para a filha olha ,
a benção lhe deita afflicto ,

C

nada

nada á cara Mãi consola ;
entre tanta desventura
a consideramos morta.
Depois de mui largos tempos
na confusão horrozoza
vão foccegando os ruidos ,
o Piloto alentos cobra ,
mas attento examinando
nos raios que o Sol lhe mostra
vê que dos Moiros cruéis ,
prizioneiro alli se encontra.
Escolhe por seus Captivos ,
Romunção , que a preza toma ,
meu Pai , minha Mãi , e eu triste ;
dalli a mui poucas horas
o triste Pai espirou
nos braços d'amante Esposa ,
recomendando-lhe a filha
para o Ceo afflicto olha ,
procura o seu seguimento
a cara Mãi faudoza ,
pois morreo de huma ferida ,
que recebeo na derrota :
porém antes que expirasse ,
filha me diz , extremoza
consolação da minha alma ,
eu te deixo infeliz Orfão
em poder dos inimigos ,
o Ceo de ti tome conta ,
as suas Leis não aceites ,
sendo ás nossas Leis traidora :
não te enganem os inimigos
com suas falsas lizonjas :
poem o coração no Ceo ,
e meus dictames recorda ,
a Deos filha ; e alli me aperta
entre os seus braços choroza.
Foi crescendo em companhia
de Romunção , sempre a gloria
dezejando de alcançar
de ver-me em presença vossa.
Estes são meus infortunios , A Joelha , e D.
que espero tenhaõ milhora (Alvaro a le-
na vossa excelsa piedade , (vania.
que a este illustre peito adorna.

D. Alv. Teu Pai que empregos servia
na Patria ?

Arx. Das Reais Tropas
Portuguezas Capitão
era , senhor : mas te informa
milhor nestes pergaminhos
da sua nobreza toda ,
pois occultos os rezervo
até esta feliz hora.

D. Alv. Os appellidos conheço ;
descança nobre senhora ,
e para maior acção
partirás comigo a Goa ,
adonde em vinculo estreito
ferás Leonor , minha Esposa ,
este o nome do Baptismo ,
que tens.

Arx. Senhor , não o ignora
minha alma , pois Arximene
me chama essa gente Moura ,
Leonor sou , e por tal
agradeço acção honroza ,
a que elevar-me queres ,
não sendo eu merecedora ,
mas antes de tanta dita
o mesmo coração roga ,
que a Romunção , e a seu filho ;
livres da prizaõ que arrojaõ :
por elles , senhor , supplico.

D. Alv. Empreza difficultoza
essa he , bella Arximene.

Arx. Argarú da impetuoza
raiva , com que Romunção
intentou o ver-me morta ,
me servio de nobre escudo
obrando huma acção piedoza.

D. Alv. Tenha Argarú liberdade ,
porém Romunção que morra.

Sabe D. Diogo.

D. Diog. D. Alvaro , os teus Soldados
acclamando por eterno
estaõ respeitosos teu nome
de ricos despojos cheios.

D. Alv. D. Diogo , ao teu cuidado

esta

A Gloria Lusitana.

esta nobre Dama entrego ;
estima-a , se tu me estimas ,
como amigo verdadeiro ;
que o meu cargo me chama
aos meus soldados ; mais tempo
não me posso demorar ,
bem que a partir não me atrevo.

Vai-se.

D. Diog. Eu não sei se por fortuna ,
ou para hum mortal tromento
tenho em vós o mea cuidado
fendo vós o meu diavelo :
vossa rara formozura

Arx. Suspendei , senhor , o excéssio :
que he isto , com tanta offensa
dais ao amigo complemento
da vossa pura amizade ?

D. Diog. Em amar-vos não o offendo.

Arx. Dpnde , senhor , aprendeste
taõ barbaro documento ?
He amizade virtude ,
que em si mesma tem o premio ,
pois eleva os coraçoes
ao auge do mais nobre imperio ;
julgai , senhor , que fizereis ,
se o vosso querido objecto
a hum amigo entregasseis
com hum coração sincero ;
e este dezatento , e louco
ultrajando o seu respeito
de hum terno amor lhe fassse.

D. Diog. Com este violento ferro ,
a vida lhe arrancaria
do seu fementido peito.

Arx. Pois vós sois o ingrato amigo ,
considerai nos vossos erros.

D. Diog. Que escutei ? Que abismo he este ?
infelice réo me comprehendo.
Senhora , de tanta culpa
o perdao humilde peço ,
e me sirva para indulto
o mesmo horrerozo pejo.

Vai-se.

Sabe Argarú.

Arg. Inda , Arximene , que esteja offendido

meu coração do teu , sempre reparo
nas finezas , e excéssos , que benigna
buscas por me dares o descanso ;
mas salva de meu Pai a triste vida ,
vê que hum filho amante o está rogando ,
à D. Alvaro pede , elle piedozo
abraçará o doce , e terno pranto.
Ah , livra , te supplico , ao Pai da morte ,
entaõ me reconhece hum tino escravo.

Arx. A lembrança talvez de Esposa sua ,
póde ser que lhe mude o peito irado .

Arg. A lembrança talvez de sua Esposa ?
não te percebi bem.

Arx. Eu me declaro.

D. Alvaro me estima por Conforte ,
póde ser que o obrigue o mesmo laço
as supplicas do peito que idolatra ;
entendes-me agora ?

Arg. Por meo damno :

Ah mulheres , mulheres , triste o homem ,
que nas vossas bellezas engolfado
não repara que sois falsas Sereias ,
que até matais com lizonjeiros cantos.
Estes são , meus amores , teus incendios
ateados daquelles tenros annos ?
he certa a minha morte , a do Pai triste !
vós Numes , testemunhas do meu damno ,
de quem venero as Leis postrado , e humilde ,
a cinzas reduzi hum peito falso.

Vai-se.

Arx. Estes são meus amores , meus incendios ,
daquelles tenros annos começados ?
Mas se elle a minha Lei tanto aborrece ,
que motivo maior de não amalo ?
Qual o triste Pastor assas confuzo ,
se completo não vê o seu rebanho ,
saltando-lhe hum só tenro cordeirinho ,
não sabe o que rezolva , acceierado ;
eu outra a este igual me confidero ,
pois na duvida só , em que me inflamo
mudavel confidero a minha gloria
ficando o meu juizo exesperado.

Vai-se.

Comédia nova

SCENA II.

Sabe Mexilhaõ, e Zeriguitaia.

Zer. **S** Enhor Mexilhaõ, espere.

Mex. Não quero, Zeriguitaia, por Moura has de ficar morta ao valor da minha espada.

Zer. Ora aqui estou a seus pés.

Mex. Trema ahi com dés canastras.

Zer. Tremo como varas verdes.

Mex. Feixe os olhos, a boca abra; faça a cara muito feia.

Zer. Já fiz huma feia cara.

Mex. Feixe hum olho, abra outro, e encrespe o nariz com graça, ponha o dedo para o ar.

Ora dê huma rizada, agora de-me hum abraço.

Zer. Pois porque não, boa graça. *Abraçaõ-se, Zeriguitaia lhe tira a espada.*

Mex. Ai, quem compila o mixiaõ com bera Zeriguitaia. Mas que he isto?

Zer. Ou caõ, patife, morrerá com dés canastras.

Mex. Não me mates, rapariga, assim Deos te faça santa.

Zer. Fale ahi de preto hum pouco.

Mex. Ora está forte desgraça!

Zer. Vamos, quando não o espicho.

Mex. Está mia arma esfrangaara de ver essas lindas oia:

Izazu que maõ taõ blanca,

ai mia ricas minina, quem dera ahi os dentara.

Zer. Cante hum pouco ahi de cego, fenaõ morre ás cutiladas.

Canta.

De moças fonceinhas
ninguem fie nada,
tambem de Estudantes
oldados de marcha.

A joelha.

A joelha.

Zer. Cante agora como Gaillo de casta.

Mex. Có coro có.

Zer. Erga essas mãos, faça ahi diverças caras.

Mex. Aqui estão de carne feitas.

Zer. Ora tome a sua espada; e saiba que nesta acção desbanco o Rei da Tartaria, pondo a hum canto o Rei de copas, e rasgando o Rei de espadas.

Mex. A espadilha pôde muito quando está arrenegada.

Zer. A Deos senhor Mexilhaõ.

Mex. Senhora Zeriguitaia, sempre estou ao seu serviço, com esta cabeça baixa.

Zer. Passa bem, rapaz, está feito, procede bem, e mais nada.

Mex. Tratarei agora disso.

Zer. Beija-me esta maõ, aballa tu ru ru.

Mex. Forte soberba, porém que he isto? Assim trata huma Moura a hum Portuguez? Hum Portuguez desta casta!

Anda cá espada velha,

para que fostes velhaca?

Ora anda mete-te embora por esta barriga, anda:

olha a olharem para mim, cuidavaõ que me matava?

Vida alegre, e zus-catrúz, ó Manoel, toca as chiganças.

Vai-se.

Vai-se.

Sabe D. Alvaro, e D. Diogo.

D. Diog. Sem Arximene seguro não terei mais vida.

D. Alv. Basta, dezejas ser seu Conforte?

D. Diog. Essa prizaõ estimada me dará novos alentos se delles minha alma falta: Em hum só momento pude expressar-lhe as minhas magoas,

guar-

guardando fiel respeito
as ordens tuas.

D. Alv. Pois guardas,
por certo com bem cautella:
á prenda recommendada
do teu mais fiel amigo
venerações lhe consagras!

D. Diog. Adoro-a, se tu não a adoras,
e se a adoras mo declara,
que a cinzas reduzirei
esta minha ardente chamma.
Qual o Soldado no campo,
que encontrando a bella Dama
lhe rende mil sacrificios,
e ao som da bellica caixa
aquelles ténros amores
fugindo, perde a lembrança:
Tal meu coração guerreiro
ama a formozura rara,
mas da memoria a desterra
ouvindo o motim das armas.

D. Alv. Vai tu proprio a conduzila.

D. Diog. Farei o quanto me mandas,
pois se consigo esta empreza,
mais não temo a sorte varia.

Vai-se.

Sabe Argarú.

Arg. Humilhado a teus pés, agora rendo
a vida que me deste generoso,
e te offereço, senhor, a mesma vida,
pela do afflicto Pai, que humilde adoro.

D. Alv. Da morte, Romunção, vivera izento,
se abrandasse seu peito que orgulho
embaraça o lugar para a piedade,
embaraça o perdaço pelo teu rogo.

Arg. Ah, julga tu, senhor, se a ver chegasses
a tua Patria em mizeros destroços,
teus amigos, os teus caros parentes
narrando seus successos, seus opprobrios,
e para mais horror, em tanto estrago
examinar chegasses com teus olhos,
a teu amado Pai, *D. João de Castro*,
a quem vassallo estimo respeitoso,
se chegasses a ver a quem tu deves

o fer que tens, entregue aos vergonhozos
ludibrios de hum infame cadafalso,
então o que farias te recordo?

E qual seria a dor de hum triste filho,
ao ver seu caro Pai aos golpes morto,
sem poder nas ruinas dar-lhe vida,
sem poder alcançar feliz soccorro!
e se de o examinar valor tivesses,
verias seu semblante magestoso
por palido, e fombrio demudado:
as gólfadas de sangue de seu corpo
cobrindo a mesma terra que pizasses,
teu successo fariaõ mais penozo.
Se por vingança queres huma vida,
huma vida, senhor, humilde prestro:
livra-me, por quem es, o Pai da morte,
que eu contente, senhor, por elle morro,
mas tu de mim fugindo, não respondes?
Quem vio damno maior! Maior desgosto!

Vem sabindo Arximene.

Arximene, Arximene, he este o tempo,
em que o teu coração exaltar posso;
supplica com teu peito generoso,
e salvarás, senhora, a minha vida,
pela do triste Pai, que afflicto imploro.

Arx. Se tu salvado tens a tantas vidas,
as acçoens não occultes de piedoso,
por esta eu rogo, como Esposa tua,
hum despacho feliz teraõ meus rogos.

D. Alv. (Ainda valor tenho á rezistencia,
ah, que de balde creio o meu esforço!)

Arg. Pois tu Esposa? Oh Deozes!

Arx. Que duvidas?

Esposa sou, (que pena!) e este o Esposo.

Arg. Vós que habitantes sois na Libia adusta,
das crueldades fazendo infame conto
escrevei, escrevei para memoria
taõ grande crueldade em duros troncos:
morra o Pai, morra o filho juntamente
finalizando em mizeró destroço,
objecto ao furor das tyrannias:
a tantos damnos não busco conforto,
não pertendo piedade, morte busco
fugindo dos viventes rigurozos.

Arx. Meu amado Argarú, detente, espera,

eu constante por ti creio que morro ;
mas se tu outra Lei teimozo fegues ;
eu-naõ devo aceitar o teu consorcio ;
mas juro pela fé da Christandade ,
que outro laço ferá de mim odioso ,
e inda que de ti distante viva ,
comprirei fielmente os puros votos.

D. Alv. Logo zombais de mim com vil desprezo ?

Que ingrato coração no teu encontro !
(Mas nos dois apurar quero a constancia.)
Quando offendido estou, tudo perdo-o
tu queres , Argarú , o Pai com vida ,
de Arximene empenhando o terno rogo ,
pois esta lhe decida o seu destino :
se Arximene me aceita por Esposo ,
Romunção, fica livre , e tudo esqueço ,
entregando-lhe seus nobres thezouros :
eleges tu Conforte o feres minha ,
ou verás Romunção aos golpes morto.
Oh lá , Soldados meus , a hum só aceno
a matar Romunção hide furiozos.

Arg. Oh martirio maior de meus martirios !

Arx. Palpita o coração !

Arg. Eu estou abortio !

D. Alv. Resolvei, resolvei, que o vosso damno,
quando em vingança minha, não demoro.

Arx. He de teu Pai a morte indubitavel.

Arg. Ah , não , não morra o Pai !

Arx. Pois devo logo ,

a D. Alvaro dar a mão de Esposa ?

Arg. Isso não.

Arx. Que farei ?

Arg. Eu não discorro.

Arx. Pois resolve tu mesmo esta sentença ,
não me izento de quanto for teu gosto ,
sou mulher , e receio ao pior me incline ,
como o adagio diz do sexo nosso ,
e contra mim conspirem tuas iras ,
cumprirei fielmente os puros votos.

D. Alv. Não resolves ? Oh lá.

Arg. Eu já resolvo.

a Deos prenda querida , a Deos , te esquece
daquelles de algum tempo amores nossos ;
aquelle coração seja felice ,

bem que ácuista do meu mortal desgosto.

Arx. Ai de mim ! Donde estou ? Assim resolve
Argarú , eu me sinto pouco a pouco
morrer.

Arg. Manda entregar-me o Pai querido ,
e de Arximene es senhor.

D. Alv. Nisto que obro

naõ tem parte o rigor , sim a clemencia ,
em mim tens , Arximene , o teu Esposo :
tu livre com teu Pai partir bem podes ,
naõ haja na demora hum só estorvo.
Darás parte ao Idalção de quanto viste ;
porque abata a soberba de orgulhozo ,
servindo-me seus barbaros dominios
de exéplar testemunho ao meu esforço. *Vai-se.*

Arg. Este ultimo a Deos, prenda querida ,
sirva para meu mal de dezafogo.

Arx. Que pertendes de mim ? Tu não reparas ,
que D. Alvaro ser pôde zelozo ,
e ao ver que internecido assim me buscas ,
mude contra mim mesmo o amor em odio ?

Arg. Perdoa , considerava-te por minha ,
sem me lembrar que foi hum leve sonho.

Arx. Desumano, infiel mais defabrido ,
que o coração do Tigre aguirozo ,
a sentença proferes do meu damno
entregando-me á morte ? Oh como ignoro ;
que teus agrados fossem verdadeiros ,
se tu a origem es do meu mal todo :
e hei de soportar tanto martirio ,
ácuista de hum infame desacordo ?
Morrerei , morrerei he certa a morte :
porém repara ingrato , por ti morro ,
e á força dos estragos inda exceda
minha morte cruel , e o teu desgosto.

Arg. Eu não salto ao amor, não salto á honra ,
ao teu decôro, não, quando assim obro ,
se fiz o que devia , satisfeito
deve o amor ficar , honra , e decôro.

Arx. Mais não posso attender-te, he certo o dam-

Arg. He certo quando não se acha socorro. (no.
Os dois. Cruel sorte, ou me tira a triste vida ,
ou da-me ao coração algum conforto. *Vai-se.*

ACTO IV. SCENA 1.

D. Alvaro, e Arximene.

D. Alv. **T** Eu prãto moverá as pedras duras,
e não abrandá naõ aquelle peito !
Naõ pódes reduzir á Christandade
aquelle coração de honras mil cheio ?
Huma alma generosa naõ se perca,
empenha-te, fenhora, que eu me empenho,
tu com a feliz promessa de Conforte,
eu com a minha piedade.

Arg. Ah, senhor, creio,
que esta mesma por ser taõ exceciva
me naõ dará lugar a tanto extremo :
Mas Argarú, senhor, chega a teus olhos.

D. Alv. Reduzi, reduzi, senhor excello
aquelle coração á vossa graça.

Sabe Argarú.

Arg. Adonde está meu Pai ? Está já livre ?
onde ? Inda se dilataõ nos seus braços,
por seu maior castigo os duros ferros ?

D. Alv. Tens, Argarú, teu Pai livre da morte,
e julgo desta naõ vivera izento,
se a hum piedoso filho naõ tivera
merecedor de hum Pai menos soberbo.

Arg. Pois, senhor, se lhe deste a liberdade,
seja breve a partida, isto te peço,
que ao ver a Patria em mizeros estragos,
se cobre o coração de frio gello.

D. Alv. E de Arximene naõ terás lembrança ?

Arg. Tudo devo entregar ao esquecimento.

D. Alv. E das finezas ternas de algum dia ?

Arg. Como esperanças vans ao vento entrego.

Arg. Quão depressa em teu peito achei mudança !

Arg. Mudou-se o coração junto com o tempo.

D. Alv. Se atégora, Argarú, foste infelice,
hoje darãõ fim tantos tromentos :

á morte com teu Pai estavas entregue,
que della fiqueis livres vos prometo ;
e para completar-se tanta gloria
hum thezouro te dou que naõ tem preço :
huma Esposa recebes, huma Esposa,
que o Ceo ornou de tais merecimentos,
que fica por memoria nas idades
naõ haver outra igual, este he o premio,
talves de hum coração que pelas honras,
valerozo se expos a duro ferro.

Arg. (Por meu maior tromêto assim me enganaõ,
mas vejaõ o meu valor no soffrimento.)

D. Alv. E perdes Arximene da memoria ?

Arg. Deve tudo esquecer, se tudo perco.

D. Alv. E das finezas ternas de algum dia ?

Arg. Como finezas vans as leve o vento.

Arg. Quão depressa em feu peito achei mudança,
mudou seu coração junto com o tempo.

Arg. Naõ façais mais penozo o meu martirio,
zombando do meu fado taõ preverso.

D. Alv. Duvidas, Argarú, tuas fortunas,
os nossos corações naõ conhecendo :
dos vossos saõ diversos vos seguro,
entre os Mouros tiveste o nascimento,
e vivendo entre os barbaros costumes,
desconheceis do Ceo o santo zelo :
Nas crueldades vis sempre engolfados
ignoraes a piedade ; e assim protervos
vos chega admirar qualquer virtude,
qualquer piedosa acção de humanos peitos.
Goza pois com teu Pai gozosa vida,
se na Esposa hum feliz contentamento
reflete no poder da Christandade,
da tua Lei reflete os defacertos.

Vai-se.

Arg. Penfativo ficou !

Arg. Oh Ceos, que lume

he

he este que me abraza em vivo incendio ?

Erradas são as Leis que a Patria segue ?

Não pôde ser, não pôde, he hum vil erro.

Arg. Meu amado Argarú, livre das penas
os nossos tristes peitos concidero ;
vistes já coração tão generoso ?

Arg. Adorada Arximene, eu mais não creio,
no Mundo possa haver felicidade
igual, a que em minha alma hoje contemplo;
e para ser mais forte a minha gloria,
até o amado-Pai presente vejo.

Arg. Temo do seu furor, devo escutalo
alli occulta.

Arg. Ver-lhe-has mudado o genio,
e com que terno amor de ti me fala,

Arg. Sempre da sua furia tenho medo.

Sabe Romunção.

Arg. Meu estimado Pai, deixa prostrado,
que nesta mão que reyerente beijo,
de filho mostras dê pela alegria
com que, Senhor, a chego ao brando peito;
gozas a vida, gozas liberdade,
tudo á bella Arximene, tudo devo.

Rom. Inda vive Arximene ?

Arg. Ainda vive.

Rom. Muito o estimo.

Arg. E creio que está perto.

Rom. Quizera vela pois, para mostrar-me
agradecido ao seu favor supremo.

E dize-me aos seus rogos devo a vida ?

O' quão benigno he seu peito terno !

Arg. Eu a chamo, Senhor. Bella Arximene ?

Sabe Arximene.

Arg. Que gloria, Romunção, em verte tenho !
E postrada a teus pés da mesma gloria
te asseguro, Senhor, os signais certos.

A joelha.

Rom. Levanta-te, e protesto agradecido
dar a paga de teus merecimentos.

Ao lado que te cinge, filho ingrato ?

Arg. Hum Alfange.

Rom. Mais não espero,

Sós estamos.

Arg. Oh Ceos !

Arg. Eu estou confuza !

Arg. Desculpa-me, Senhor, não te percebo.

Rom. De meus preceitos vives esquecido ;
ah filho ingrato, e ainda te estou vendo,
o lado te guarnece o duro alfange,
e na minha vingança estás incerto ?

Arximene não he a vil motora

das ruinas ferozes que padeço,

entre o pezo de miserias cadeias ?

Pois deshumano, ainda em mim conservo

escondido hum punhal, para no lance

que me for vergonhozo, de instrumento

me servir, desterrando aos inimigos,

a gloria de hum castigo vil, e horrendo,

e a quem a cauza foi dos meus ultrajes
darei morte.

Arg. Senhor....

Arg. O' Ceo, eu tremo !

Rom. Mal poderás servir-me de embarço.

Arg. Ah, mata-me Senhor, a mim primeiro;

Arg. Este alfange me serve de defensa.

Tira a Espada a Argarú,

Aqui estou ; de ti já não receio.

Rom. Que he o que intentas ?

Arg. Que vejo !

Rom. O' Ceos deliro !

dize quem te entregou o duro ferro ?

Arg. Que te importa, tiranno ? Não intentas
matarm-me ? Eu aqui estou ;
eu não me auzento.

Rom. De raiva vou perdendo a luz do accordo :
não me sei rezolver.

Arg. Duro tromento !

Arg. Mas patente se faça o teu delito

D. Alvaro.... Oh lá.

Arg. Vê....

Arg. A nada attendo.

Arg. Não me percas o Pai, bella Arximene.

Rom. Pois se prosegues mais no duro intento,
no teu amado bem, por quem suspiras
empregarei os golpes louco, e cego,
no esquecimento pondo o ser meu filho.

Arg.

Arg. Terás valor de tanto?

Rom. Esprimenta-o.

Arg. Argarú emudeces? Arg. Só te digo, que me livres o Pai; e isto te peço.

Arg. Hum semelhante Pai, não tenha vida.

Rom. Morra o filho também.

Arg. Detente féro:

que dizes Argarú de hum Pai ingrato?

Arg. Que lhe salves a vida, isto te peço.

Arg. Ah não, eu vou....

Rom. Pois morra. Arg. Dezabrido

parem, parem tiranno os violentos-

impulsos de crueis ferocidades,

e não faças patente ao Universo

nas tragicas historias teus delictos,

servindo de horror aos mesmos tempos,

e executando o barbaro costume,

darás á tua gloria complemento:

Aqui estou Romunção, e aos pés te prostro,

como já sem ter vida, o duro ferro:

mas não matês hum filho, porque fique

teu barbaro delicto menos feio:

Vê que o barbaro Leaõ distingue o filho,

inda entre os seus ferozes companheiros;

e se o vê offendido ruge, e brama

movendo a dura garra em ira accezo:

pois se este irracional seu filho estima

queres tu racional assim perdelo?

Porém se os rogos meus te não comovem

para obrares acções de mais acerto,

se as lagrimas, que vês tão excessivas

ás tuas tirannias não poem termo,

sem defensão aqui estou o golpe imprime;

o filho não será tão dezatento,

que te embarace, dando aos infortunios,

que em dilatado tempo ha que padeço,

o fim neste combate rigoroso,

a minha alma entregando ao Ceo supremo.

A joelha.

Rom. Dezaffogar intento o ardente fogo,

que inspira o coração nestes dois peitos:

Pega no alfange.

Porém se principio pelo filho

se cobre o coração de frio gello,

o golpe não acerto vacillante;

se desterrar pertendo o outro objecto...

o amor da criação o braço prende;

Corro a hum... paro; corro á outro... tremo

ficando neste lance tão confuzo,

que ignoro, se de marmore estou feito

Ouve-me ingrato filho, eu te dou vida

porém não pelos teus merecimentos,

mas sim como meu sangue; desconfio

que em te perder os meus alentos perco

Eu te eduquei, cruel, com tanta gloria

para seres meu aspero flagello.

Eu a vida te dou pela lembrança

de ser quem te criei dos annos tenros;

pois logo se entreguei aos dois a vida

á custa de trabalhos, e de excéssos,

quanto me custaria assim perdêlos,

se tanto me custaraõ os nascimentos *Vai-se*

Arg. Quanto póde teu peito generoso,

se aquelle coração mais-brando vejo.

Arg. Natural foi buscar minha defença,

se te offendi, mil vezes perdaõ peço.

Arg. O perdaõ seja, amada, entre os meus bra-

em que alegre respiro dos tromentos. *(cos*

Arg. O' quanto me feraõ mais gloriosos,

a Catholica Fé tu recebendo.

Arg. Adoro as minhas Leis por verdadeiras

Arg. Ah, tu não fores não, a tantos erros,

e da idolatra gente os vis costumes,

veneras com tão grande respeito?

Nessa Lei Argarú idolatrado,

tu me queres perder, quando te perco.

Arg. E me deixas, porque outra Lei sigo?

e que he errada esta Lei me citas dizendo?

As tuas vozes ouço, e dentro d'alma

começa a contrastarme hum tal incendio,

tanto de mim estranho, que discorro

em sentilo, que já não sou o mesmo:

hum momento permite me retire

a consultar o debil pensamento;

talvez na solidão abra caminho

as confuzões do animo incerto. *Vai-se.*

Arg. Não podia alcançar maior ventura,

se a ver chegasse aquelle honroso peito

entregue á pura Lei da Christandade,

de quem tanto os preceitos reconheço.

D

ACTO

ACTO V. SCENA I.

Sabe Arximene, D. Diogo, e Mexilbaõ.

D. Diog. **N** Aõ fujas bella Arximene
de quem te busca rendido,
pois sempre por mais q̃ fujas
te irei constante seguindo.

Alex. Meu fenhõr, esta fenhõra
por ora naõ quer marido.

Arx. Já taõ importuna teima
como louca a acredito.

D. Diog. Loucura ferá de amor,
que a teu peito sacrificio.

Alex. He bem asno o tal fogeito;
por ora naõ quer marido.

Arx. E para deenganarte
naõ te bastaõ meus desvios?

D. Diog. Sei o quãto me maltratas,
mas tambem fei que benigno
he teu coraçãõ, e pôde
fer para mim compassivo.

Alex. E torna ateimar, fenhõr?
por ora naõ quer marido:
(he bem asno o tal fogeito!)

D. Diog. Quem és tu? Dize atrevido.

Alex. Sou o Mexilbaõ d'Arruda,
nas praias bem conhecido.

Arx. Eu de ti me compadeço.

D. Diog. Logo sentes meus suspiros?

Alex. Meu fenhõr (ora he bem asno!)
por ora naõ quer marido.

Arx. (Em fim para que me deixe
fe engane.) Teus males sinto.

D. Diog. Com taõ suave esperança
ponho termo aos meus martirios.

Alex. He forte pilho ladro -
o tal D. Diogo amigo!

Sabe D. Alvaro.

D. Diog. D. Alvaro, neste instante
por ti suspirava afflicto.

D. Alv. Pois que pertendes que faça?

D. Diog. De Arximene o peito altivo
já mais brando se nos mostra.

D. Alv. Quanto D. Diogo o estimo.

Mex. Póde mandar repicar
aqui os finos visinhos.

D. Alv. Vivirás mais foccegado:
ó quanto teu peito he digno
bella Arximene de Espozõ
de meritos taõ distinctos.

Arx. Conheço os merecimentos
do seu coraçãõ.

D. Diog. Amigo
poderei feliz chamar-me?

D. Alv. Assim mesmo o imagino.

Mex. Tanto a hasdes tu lograr
como o eu o morrer de frio,
donde esteja vinho perto;
sempre he bem innocentinho!

Arx. E porque me reconheço
indigna de taõ distincto
conforte, talvez recuze
a sua mão.

D. Diog. Teu luzido
nascimento, de hum Monarcha
era proprio. *Arx.* Se te digo
que naõ me elevaõ grandezas
fe humilde o berço acredito:
procura fenhõr Espozã,
que possa igualar contigo,
tanto nos merecimentos
como em sangue esclarecido.

D. Diog.

D. Diog. Logo minha mão recuzas?

Arx. Recuzo senhor.

D. Diog. E o motivo?

Arx. Não feres do meu agrado.

Baste, tenho respondido.

Mex. Abençoadinha sejas

do Cura dos Affonfinhos.

D. Alv. Poderás feliz chamar-te?

D. Diog. (Ha que vinganças respiro!)

Dize he esta huma esperança
cruel

Arx. Baste: Eu n'alma sinto

todos os teus infortunios;

porém sê mais advertido

Dom Diogo, ouve-me hum pouco;

se obrasses com mais juizo

porias termo á imprudencia,

não soffreras os ludibrios

de hum publico deenganano.

Se tu vês o precipicio

nas ondas do mar irado,

para que vás para o Navio?

Não pertendas conquistar

o que mil vezes tens visto

difficil ao teu esforço;

e se atteimas, o prejuizo

em similhantes combates,

fervirá de emenda, digo:

ah D. Diogo, dos costumes,

de huma imprudencia nascidos,

o valerozo prudente

poucas vezes he vencido,

serão as suas victorias

em numeros excessivos;

as mais lhas deo a prudencia,

as menos, fer destemido.

Mex. Da-lhe fogo, da-lhe fogo.

Oh que moſta! Oh que prodigio!

D. Alv. Daquelle D. João de Castro,

de quem respeito o fer filho,

são effes bellos dictames

seus imitadores dignos.

D. Diog. Ah D. Alvaro, Arximene,

confetto, que suspendido

estou.

Mex. Senhor, he boa teima!

D. Diog. Quem és tu, declara indigno.

Mex. Sou o Mexilhaõ d'Arruda,
pelo cheiro conhecido.

D. Alv. D. Diogo, os poucos annos
te escurecem teus delictos,
e neste instante te ordeno,
que para as Náos conduzindo
vas com a gente Portugueza
os infelizes Captivos;
com elles uza piedade.

D. Diog. Voando te irei servindo,
e occulta minhas loucuras,
que emendalas folicito.

D. Alv. O desculpa a tenra idade:
Elle he-nobre, e destimido,
por tanto para as empresas
por meu compaheiro o effimo;
mas senhora, conseguiste
contrastar o genio altivo
de Argarú? Dize-me, fala?

Arx. Espero no Ceo benigno
que deſterre a falsa Lei,
a verdadeira seguindo.

Mex. Sempre Argarú, sempre foi
acanhado, e mui sumisso,
nunca foi de maganages;
mas por Mulheres he fino.

D. Alv. Quem és tu, declara louco?

Mex. Não me conhece? Está pisco?
Sou o Mexilhaõ d'Arruda,
Christão como hum maçarico.

D. Alv. Vamos pois a procuralo;
ah, que mais não folicito,
que á justa Lei ver entregue
coração tão bem nascido.

Arx. Também, senhor te acompanho.

Mex. Mais eu por não fer Noviço.

Sabe Numir, e Zeriguaitaia.

Num. Espera, senhor, espera.

Mex. Quia est locus impeditus.

D. Alv. Bella Numir, que pertendes?

Num. A teus pés, senhor, distinctos

offerecer a minha vida
pela de hum Irmão afflicto.

D. Alv. Não supplices por quem foi
Autor de tal homicidio,
pois indigno he de piedade.

Num. Ah senhor, se fosse visto
de teus compacivos olhos,
como destes meus tem sido,
talvez de compaixão cheio
perdoasses o delicto:
Se visses Tanor, se visses
entre grilhões excessivos,
furiozo, exasperado,
como louco, e sem sentidos
estraga as luzidas cadeas,
que seu corpo estaõ cobrindo
como blasfema, como
com escandelozo arbitrio,
maldizendo aquella hora
em que ao Mundo foi nascido,
e clamando contra hum Pai,
contra a Mãe, irmã, e amigos,
contra a Patria, contra as Leis,
retrato de hum monstro indigno.
De todos com vil desprezo
he alli escarnecido;
hum já de ligeiras pedras
lhe faz por vileza tiros:
outros em seu rosto imprimem
as mãos como vingativos;
elle como louco brama,
e em dezordenados gritos,
que se aos bons o pranto movem,
aos crueis lhe cauzaõ rizo;
poderias ver senhor
com teu genio compassivo,
taõ horrivel espetaculo?
Poderias? Sim, duvido.
Pois, senhor abre os teus olhos,
e reflecte neste abyssmo,
que eu te dei contente a vida,
e não pertendas benigno,
que se escureça esta gloria
manchando com mais ludibrio
o meu sangue, pois do Irmão

padeço o mesmo supplicio;
minhas supplicas attende,
ao meu coração afflicto,
e seja a tua piedade
o meu felice destino.

D. Alv. Basta Numir: Arximene
acompanha-me.

Vai-se

Arx. Eu te figo.

Num. Nem resposta lhe mereço,
tiranno fado impropicio!

Zer. Não, não ha que defferir.

Mex. Vai-me a mim cheirando isto,
a que teremos na forca
o tal Tanor reboando.

Num. Nem a Arximene mereço
hum só affecto? Maligno
astro rouba-me esta vida
para ter algum alivio,
pois já quasi exasperada
no funesto laberinto
vou perdendo a luz do accordo
faltaõ todos os sentidos;
e até parece que o Sol
se sepulta nos abyssos:
desgraçados annos meus,
mas a quem meus ais refiro?
A vós feras destes montes
irei dar os meus suspiros,
talvez que compadecidas
de meus ais, e meus gemidos
encontre em vós mais piedade,
que nos humanos destino.

Vai-se

Zer. Onde vai senhora; espere.

Mex. Tenha mais com dez Cabritos;

Zer. Aqui estás tu meu repolho?

Mex. Aqui estou lindo feitico.

Zer. Sabes que mais?

Mex. E que mais?

Zer. Que sonhei hum sonho afflicto.

Mex. Que te levava o Diabo?

Zer. Não, que via bem distincto
Portugal, muitas Igrejas,
muitos Santos, taõ bonitos;
e assim quero ser Christã.

Mex. Se queres eu te bautizo.

Zer.

Zer. Tambem contigo fenhei

Mex. Pois tu sonhaste comigo!

Sonhaste com Mexilhaõ?

Naõ te metas no marisco,
rapariga, que he muito quente.

Zer. E assim ferás meu marido.

Mex. Tu sabes a que te obrigas
em querer cazar comigo?

Zer. Soffrerei tudo com gosto.

Mex. Pois toma, toma sentido,
dar-te hei só para sustento
á noite huns ovos cozidos,
comerás paõ de fevada,
que he mui fresco, e mui fadio,
e para bom cozimento,
comerás aipo fedigo;
dormirás numa trapeira,
no tempo que ouiver bem frio;
naõ dirás meia palavra,
quando eu estiver com os vinhos.
Faras renda para fora,
para que digaõ a teus filhos,
aquelle, tua Mãi faz renda?

Eu te comprarei os bilros,
andarás sempre vestida
de hum veludo muito fino,
chamado farapilheira,
caspite, que he hum prodigio!
trarás çapatos de vaca,
e meias de estopa, ou linho;
andarás sempre de touca
feita papaõ dos meninos;
nada de bezuntaduras,
cara branca, e rosto lizo,
que estes enfeites da moda
he visco para os casquilhos
Portuguezes; amarruada,
pé de boi, se assim te sirvo,
pódes andar para a Náo
nesse instante de improvizo.

Zer. De-me você mil pancadas,
e coices, como hum burrinho,
verá que contente os soffro
quando seja meu marido.

Mex. Deve aqui alguma couza.

a algum Mouro?

Zer. Naõ, brinquinho.

Mex. Oh que taõ doce palavra!

Esta Moura he hum lambisco.

Zer. Mexilhaõ, amado emprego.

Mex. Zeriguitaia, meu mimo....

Zer. Tome você este abraço.

Mex. Dá cá sette, amorezinhos....

agora posso dizer,
que está completo o pratinho,
pois se ajunta ao Mexilhaõ
da Zariguitaia o pico.

Zer. Marido

Mex. Minha mulher

Zer. Caro

Mex. Cara

Zer. Mio carino

Mex. Ai, ai, ai, temos fandango.

Zer. Cio, cio, a Dio, a Dio.

Mex. A Deos, a Deos rapariga,
oh que pafno! oh que prodigio! *Vaõ-se.*

SCENA ULTIMA.

*Vista de Mar, e Náos, e a Cidade a hum
lado. Sabe Argarú.*

Arg. **D**iante dos olhos vejo
mil imagens que figuraõ,
tendo impressos nos semblantes
os letreiros, que divulgaõ
o terror da Lei que fgo,
pela minha desventura:
Vejo os peitos Luzitanos
cheios de bondade summa,
e só nos meus nacionais
encontro injustiças muitas:
a cada instante parece,
que de mil vozes a turba
nos meus ouvidos declaraõ
a Lei verdadeira, e justa,
que devo seguir constante;
pois que espera, que naõ busca
minha alma fugir dos erros,
nos quais a ruina furca;

se estou no mar navegando
entre ruínas, e furias,
das ondas do irado vento
he bem para o porto fuja?
se humia luz na escuridade
vejo por minha fortuna,
devo contente seguila,
a ver se nella se frustra
o meu grande precipicio,
que em confusão me redunda:
Porém que dirá o Pai?
Confuzo o peito se affusta.

*Sabe D. Diogo, e Soldados Portuguezes, e
Mouros Captivos, e hũa para as Nãos.*

D. Diog. Para as Nãos hide embarcando,
naõ haja demora alguma.

Arg. Dom Alvaro, adonde está?

D. Diog. Por ti anciozo procura,
e muito tardar naõ pôde
quando vejo diminuta,
que ha de ser nossa demora.

Arg. Hoje a partida seguras?

D. Diog. As vellas já defatadas
nos fervem de testemunhas.

Arg. E aonde está meu Pai?

D. Diog. Poderá ser que o conduza
D. Alvaro, a este sitio.

Arg. Triste o coração flutua.

D. Diog. Porém já naõ mui distante
a minha vista o figura.

Arg. E mais ao longe o Pai vejo,
trazendo por minha angustia
de iras mil cheio o semblante,
das quais minha alma se affusta.

Sabe D. Alvaro, Arximene, e Numir.

D. Alu. Numir, Arximene, basta,
ouvi terno as vossas supplicas.

Argarú, porque te escondes?
Quando hum vencedor te busca
naõ receis os estragos.

Arg. Conheço a bondade summa

do teu nobre coração,
e talvez que este reduza
a minha alma aquella Lei,
que tu veneras por justa:
partirei contigo a Goa
aonde com tenção pura,
receber quero o baptismo.

D. Alu. Ah, que tanta gloria junta
até me suspende as vozes!

Esta de quantas venturas
consegui em mil empresas,
he esta a que mais me illustra,
pois a Deos entrego humia alma
perdida já entre furias.

Da-me os braço, caro Irmaõ,
e nelles por vozes muitas,
louva aquelle, que á sua graça
piedozo assim te procura.

Arg. Agora posso chamar-te
entre alegrias summas,
o meu bem, o meu Espozo.

Arg. Que tão immensa fortuna!

Num. Argarú, assim desprezas
a Lei de Mafoma, justa?

Arg. Que Mafoma? O inimigo
lhe chamarei, que perturba
tanto a Fé daquelle Deos,
que verdadeiro me busca;
os Idolos são quimeras,
diabolicas figuras,
fantasticas illuzoens,
que as ruínas vos procuraõ:
e se agora em seus altares
algun vísse, vos segura
meu coração, que a meus pés
cheio de iras, e de furias,
os pizasse com desprezo
por terror das meias Luas.
E tu infame trubante,
deviza da Maura turba,
a Mafoma de presente
te mando com vil injuria,
porque já da Christandade
a mais justa Fé me illustra,
amando dos Portuguezes

a união tão nobre , e pura !
Arx. D. Diog. e D. Alv. Oh que invicto coração ?
Num. Vacilante estou confusa !
D. Alv. Mas já Romunção se apressa ,
 iras seu semblante inculca.

Romunção , e Soldados.

Rom. Para o meu Idalção não me demores ,
 se pertendes , D. Alvaro, mandar-me ,
 que hum forte coração mais se enraivece
 á vista do vencedor.

D. Alv. Soberbo , parte ,
 e aquelle que ves mizero Navio
 para o transporte teu as vellas largue :
 mas antes que te apartes , verás como
 castiga hum Portuguez ao Mouro infame :
 Oh lá , Tanor se apresse á minha villa ;
 de querer dar-me morte he justo pague
 o delicto feroz.

Arg. e Arx. Senhor , que intentas ?
Num. Ai de mim ! Donde está tua piedade ?

Pertendes que meus olhos testemunhas
 sejaõ da forte de hum Irmaõ arravel ?
 Ah, primeiro, senhor, que tal intentes,
 neste da forte mizero combate ,
 arranca-me esta vida compacivo ,
 espalha de meu peito o triste sangue ,
 verás como constante o golpe espero,
 por não ver outro golpe formidavel
 morrendo o triste Irmaõ, a Baçaim,
 com que semblante irei ? Com que semblante
 a mensageira ser de huma tragedia
 aos parentes, á Patria , tão infame ?
 Como posso lembrando esta desgraça
 com mais soccego ver os proprios lares ,
 sem que delles sòmente huma só pedra ,
 não seja hum horror á vista intoleravel ?
 Porém se as minhas vozes não attendes ,
 e te queres vingar sem me matares ,
 supplicarei vingança aos Elementos ,
 que possaõ nestes mares sepultar-te ;
 e que vejas na volta para Goa ,
 incendiar-se a mizera Cidade ,
 e que seus elevados edefícios

os leve o vento em cinzas pelos ares.
 Porém, que digo ? Oh Ceo ! senhor, perdoa,
 pois já na confusão de mal tão grande ,
 tudo quanto discorro, he produzido ,
 da paixão que no peito me combate.

A joelha.

D. Alv. Levanta-te, Numir, não mais profigas.
Num. Quem vio maior rigor, mais impiedade ?
Arg. Por Numir, e Tanor, senhor, te peço.
D. Alv. Argarú, não profigas, baste, baste.

Sabe Tanor , e guardas.

Tan. Que mais se espera, que não chega a mor-
 a recebela intrepido constante , (te:
 prompto estou , D. Alvaro, inimigo ,
 não mais demores, não o duro alfange :
 arranca-me esta vida , aquella vida ,
 que só se originou para os meus males ;
 e seja o maior lauro da vingança ,
 que na Cidade mizera alcançaste.

D. Alv. Sim, barbaro, traidor, não mais demoro:
 dai-me, Soldos meus, o mesmo alfange ,
 que cingia seu lado, pois com elle
 neste lugar prometto castigar-te.

Rom. Não posso sopportar tão vil injuria.

Os Soldados dão o alfange a D. Alvaro.

Num. Argarú, Arximene, neste lance ,
 supplicai a D. Alvaro a detença
 na morte de hum Irmaõ.

Os dois. Senhor , piedade.

D. Alv. He precisa a vingança, Tanor, morra;
 mas só de confusão, de paímo grande,
 de ver que te dou vida, e que tu foste
 o barbaro traidor, que quiz matar-me ;
 reflecte, sim, na muita differença ,
 que vai de mim a ti , pois num instante
 obrastes huma acção de vil , e indigno ,
 e eu huma só de generosidade.

Oh lá , tirai-lhe as asperas cadeias.

Aceita o teu alfange , e em paz te parte.

Todos. Oh grande coração !

Num.

Num. Senhor invicto ,

em tua nobre mão permite estampe
os meus humildes lábios , se em ti vejo
os progressos illustres de Alexandre.

D. Alv. Dirás inda , Numir , que sou tiranno ?
Que a morte me dezejas nestes mares ?

Pois esta a paga he dos teus insultos ,
assim hum Portuguez sabe vingar-se :
com Tanor , teu Irmao , partir bem podes ,
o Navio tens prompto.

Num. Irmao amante ,

agradece a D. Alvaro a grandeza
de dar-te a vida , a propria liberdade.

Tan. Não sei agradecer ao inimigo ;

Tanor , a tal acção mais não se abate ,
sou nobre , sou soberbo.

D. Alv. E por fim , Mouró.

De meus olhos te auzenta , vai-te , vai-te ,
e tu tambem te aparta , em tanto aceita
para ao teu Idalcao noticias dares *
este papel , porque trema o soberbo
do Luzitano esforço inimitavel.

* *Da-lhe hum papel.*

Rom. Mensageiro não sou , vê que te enganas ,
de infelizes , ou mizeros dezastrés,
que para annunciar tanto infortunio , *Rompe*
bastará o meu horrido semblante , *(o papel.*
darei nelle final que ainda espero
no meu esforço a perda restaurar-lhe ,
á custa , fim , da Luzitana gente ,
dos seus muros , e seus thezouros grandes.
Tu segue-me , Argarú , fique a traidora ,
quando outra Lei procura por seus males ,
Arximene se perca da lembrança ,
vamos , filho , teus passos me acompanhem.

Arg. A Deos amado Pai , partir não posso.

Rom. Como ? Assim me respondes , filho , infame ,
anda , segue-me.

Arg. Não.

Rom. Oh lá ! Que he isto ?

Arg. Eu não devo , senhor , acompanhar-te.

Rom. Dezasias cruel quem te deu vida ?

Arg. Ah , senhor , não mas

D. Alv. Entre vós pare
a contenda ; Argarú fica comigo.

Rom. Como ? Meu filho deve acompanhar-me.

D. Alv. Porém se doutra Lei segue os costumes ,
de ti deve fugir , dos teus discâmes.

Rom. Será sonho talves o quanto escuto ?

Arg. Não he , não he se não realidade ,
desprezo a falsa Lei que te domina ,
aonde cego buscas despenhar-te.

Rom. Sou teu Pai ? Es meu filho , não me enga-

Arg. Sou teu filho , senhor. (no.

Rom. Infame , cala-te ,

que procuras , dizendo que es meu filho ,
para ti , para mim delisios graves ;
acompanha , acompanha os Luzitanos ,
contra os teus nacionais , vibrando o alfange :
nas fronteiras dos mesmos inimigos ,
se algum dia , aleivozo , me encontrares ,
não me conheças Pai , fim , teu contrario ,
aonde o teu valor possa empregar-se ,
e verás , e verás por tua gloria ,
no cazo que te veja vacillante ,
no despedir dos golpes , te descubro
o peito para que melhor me mates :
porei em terra a espada ; sem defença
receberei os golpes que dispares :
esta cabeça corta , e conhecido
o teu nome farás em toda a idade.

Arg. Tuas vozes o peito me trespassão :
mas juro-te , senhor , que sempre amavel
será teu nome excelso deste filho ,
que humilde a teus pés chega aprofstrar-se ;
esta mão que adoro respeitozo. *A joelha.*

Rom. De mini te aparta , monstro insoportavel ,
não es meu sangue , não ; meu inimigo ,
de quem difficil he poder vingar-me.

Arg. Dessa funesta vós o peito treme.

D. Diog. Minha alma se entenece.

Os dois. Oh Ceo , que lance !

Rom. D. Alvaro , reflecte que me aparto ,
nos sentidos levando a triste imagem
dos horrendos estragos , que patentes
me fez o teu esforço ; e portestar-te
poderei , que por teu estrago vejas
nas ruinas nossas , ruinas lamentaveis
nos peitos Portuguezes nos seus muros ,
aonde o Idalcao jurou vingar-se :

a cinzas te prometto se reduzaõ
da vossa habitação os proprios lares ,
naõ ficando em memoria huma só pedra ,
que da ruina vossa avive a imagem.
Arximene, Argarú, lograi contentes
huma doce , e feliz prosperidade.
E tu , senhor piedozo , por eterno
será teu nome a gloria das idades ,
donde aprendaõ os vindouros as doutrinas
para terem de Heróes nobres realces.

Mexilbaõ , e Zeriguaita.

Mex. D. Alvaro , e senhor, esta mulher
namorou-se de mim , por ser galante ,
e diz que em Goa vai cazar comigo ,
e que quer mui contente baptizar-se.

D. Alv. Estimo essa noticia , e me dá gloria.

Mex. Levo huma moça como hum alembre ,
he de faca , e calhau , adonde a vê ,
he capaz huma noite de afogar-me.

Zer. Numir , minha senhora , a sua graça
de-me a toda essa gente faudades.

D. Alv. Para as Náos vamos todos, e se entregue
a devorante incendio esta Cidaõ ;

Argarú, Arximene, todos vamos.

Arg. Mais falice do que eu ninguem se acia-
vamos pois , Argarú. (ma ,

D. Alv. Porém , tu choras ?

Arg. D. Alvaro , senhor , meu pranto nasce
naõ de perder o Pai , de assim perdê-lo ,
de ver a Patria em funebres dezaftres.

D. Diogo. Póde ser que se mude aquelle peito ,
quando o teu coraçã póde mudar-se.

Arg. Por elle pedirei ao Ceo supremo ,
para que a justa Lei gostozo abrace.

D. Alv. Só compacivo o Ceo póde attender-te
nas rogativas ternas que lhe fazes :

para as Náos , vamos todos , sim partamos ,
a demora importuna naõ dilate
aquelle excelsõ jubilo de gloria ,

que haveis de receber na Christandade :

em Goa vais gozar de mil venturas ,

teu coraçã unido áquelle amante ,

rendendo ao Ceo as graças do destino ,

que aos vossos coraçõs deo favoravel.

Os dois. E vós Congresso illustre , que soffresteis
hum numero sem conto de erros grandes ,

Todos. Esperamos achar feliz desculpa ,
nos vossos peitos cheios de bondade.

F I M.

L I S B O A ,

Na Officina de DOMINGOS GONSALVES.

Anno MDCCLXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

E

ADVER-

ADVERTENCIA

AOS CURIOSOS.

N As cazas dos Religiozos de S. Domingos , na Praça do Rocio , em caza de Joaquim de Pinna se vendem as Comedias seguintes. *Aspazia na Syria. D. João de Alvarado , ou Creado de si mesmo. O Capitão Belizario. A Esposa Persiana. Zenobia em Armenia. A Valeraza Judith. Narcizo namorado de si mesmo. A Peruviana. O Amante Militar. A Tragedia de D. Ignez de Castro. Inconstancias da fortuna , ou Lealdade de Amor. Tributos da Mocidade. O Escravo em grilhoens de Ouro. Cordova Restaurada , ou o Amor da Patria. O Conde Nestor , ou a Condeessa Carlota. O Entrudo desabuzado em Lisboa. Joz no Egipto. O Conde Alarcos. A Ilha desabitada. A Reparação de Granada. A Morte de Cezar ; e outras muitas como tambem toda a qualidade de Entremezes &c.*

Lota
Clippe
lia
Rofm
am
Oton
cel
Elpin